

A paisagem pela ótica da memória

Barbara iamauchi Barroso - 8555866

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP

2º semestre/2019

Orientadora

Roberta Consentino Kronka Mülfarth



Resumo

Memória e Lugar são os temas chave deste trabalho. Ao me mudar de bairro me deparei com uma série de sentimentos e sensações envolvendo a cidade. Ao longo deste trabalho vou tentando entender essas sensações a partir de exercícios experimentais. Conto com a participação da minha família nessas experimentações e juntos tentamos chegar a algum consenso.

Agradecimentos

Obrigada a todos que me acompanharam nessa conturbada jornada.

A toda minha família e amigos.

Atena, André Santos Fernadez, Antônio Neto, Artur Polatti, Beatriz Iamauchi Barroso, Breno Lear Martins Guethi, David Alves Barroso, Duvivier Guethi, Gislaine Martins, Jéssica Silvério Mendonça, José Alexandre Spezzotti, Katia Yumie Iamauchi, Larissa Azevedo Luiz, Leandro Koller, Maurício Carneiro, Michiko Iamauchi, Pedro Henrique Barbosa Muniz Lima, Roberta Consentino Kronka Mülfarth, Tiago Regueira, Walquiria Yoshie Iamauchi Barroso, William José da Silva.





Introdução

A memória sempre foi um tema que me intrigou ao longo da graduação na FAU USP. Em Janeiro de 2019, quando mudei de casa, saí da Zona Oeste onde tinha morado toda a infância e fui para o centro de São Paulo. Com isso, deparei-me com um modo de vida distinto e com uma cidade diferente da que eu estava acostumada. Dentre todas as dificuldades que envolvem morar em um lugar novo, o que mais me perturbava era o vazio de significado que as ruas e a paisagem me traziam.

Definitivamente, o bairro da Bela Vista tem muita história, mas eu não me conectava afetivamente com o espaço. A paisagem parecia ter um significado raso e cenográfico. Absorver esse novo universo, me conectar com ele, conferia uma face de solidão e não pertencimento. Caminhar nas ruas do Centro parecia ser uma luta constante para a construção das minhas memórias.

O tema deste trabalho me veio à mente quando visitei a casa dos meus avós no bairro do Jaguaré e fiquei intrigada como cada lugar daquela região tinha um valor simbólico e emocional muito forte para mim e para minha família. A cidade, com isso, me despertou um sentimento de nostalgia, pertencimento e felicidade. Cada lugar estava conectado a uma memória e cada memória tinha um valor único. Era como se todo o bairro pudesse ser delineado em uma trama de fios de memórias cruzadas.

Essas lembranças eram construídas tanto por mim quanto pelas histórias contadas pela minha família. Algumas vezes, memórias que eu não tinha vivido mas que ficavam no meu imaginário depois que minha família contava.





Essa miscelânea de memórias e gerações sobrepostas formava algo que eu não conseguia descrever ou tangibilizar. Com esse sentimento, decidi entender qual a relação disso com o espaço.

Antes de me afastar de casa, a vida e a cidade tinham uma dimensão pequena, caricata e acolhedora. A mudança me permitiu reconhecer essa sensação e iniciar uma busca por compreendê-la. Entretanto, como poderia entender algo que é construído não apenas por mim, mas por toda a história e sobreposição de memórias coletivas?

Neste trabalho, busco entender o significado da memória em relação ao espaço me propondo a fazer um exercício contínuo de experimentação. O resultado final é incerto e singular uma vez que o objetivo aqui é tanto tentar entender a memória no seu caráter individual quanto no seu caráter coletivo familiar. Desta forma, ao longo de todo o processo de execução desse trabalho, as reflexões geradas por cada experimentação afetam os experimentos seguintes.

Escolhi assim, investigar essas relações em um lugar: o Jaguaré. Olhar para as lembranças das pessoas que lá viveram e que de alguma forma talvez compartilhassem desse sentimento e de sua manifestação na percepção daquele espaço.

Com o intuito de olhar para as memórias coletivas, me encontrei com a minha família por parte materna, pois eles sempre moraram na região e nos seus arredores. De descendência japonesa, a família Iamauchi se estabeleceu no ano de 1965 em São Paulo no extremo da Zona Oeste, na Travessa Charles Gobat, na última casa da rua sem saída, número 34A. Flávio Iamauchi e Sônia Iamauchi, meus avós, escolheram o bairro do Jaguaré para morar quando a rua ainda era de chão batido e, como contava minha avó, “cheia de mato”. Na casa, tiveram 4 filhos e, posteriormente, 5 netas. Conforme a família crescia, todos os filhos escolhiam morar nas redondezas do bairro, perto o suficiente para irem a pé para a casa dos meus avós.

As primeiras perguntas que surgem nesse início de projeto são: Quais são os limites da área que eu estou estudando? Quais são os limites de um bairro? Ele é delimitado por critérios geográficos ou políticos? Ou seria delimitado pela vivência no espaço?

Sendo um trabalho que se propõe a discutir sobre memória, o ponto de partida é a minha própria memória. Tendo como ressalva que os critérios memórias são muito fluidos e subjetivos já que cada pessoa tem seu próprio limite do que, aqui, chamamos de Jaguaré. Inclusive o meu limite é difícil de ser traçado por mim mesma. Desta forma, ao invés de traçar um perímetro, escolhi trabalhar com pontos de referência, a partir das minhas próprias memórias e percepções. Os pontos de referência escolhidos foram: a da casa da minha avó e de seus 4 filhos. Além disso, foram incluídos pontos de interesse chave ligados à minha vivência e à história da família. São eles: o Mirante do Jaguaré, a ponte do Jaguaré, a Igreja de São Francisco, o antigo traçado do rio Jaguaré e a Praça Henrique Dumont Vilares.

Mapa da área de estudo



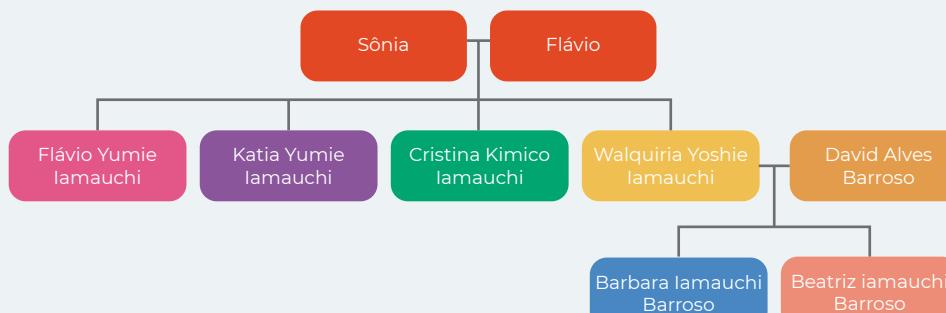
Dada a proximidade entre as casas, sempre realizei trajetos a pé por repetidas vezes e sempre ouvi muitas histórias de como havia sido a infância da minha mãe e tios na região.

A cidade é produto de muitos agentes e sua compreensão está ligada a outros valores além dos físicos. Relações sociais e econômicas, embates políticos, tecnologia, interações humanas estão constantemente afetando o objeto que é o espaço. A memória, seja ela coletiva ou individual, tem um caráter aparentemente estático mas está em constante mudança.

"Os homens, em nosso entender, fizeram e fazem a cidade, produto material e imaterial das relações sociais e econômicas complexas, mesmo que não saibam o que fizeram ou estão fazendo. São atores, agentes da ação social, mas nem sempre em condições de compreender a totalidade e complexidade do fenômeno em que estão inseridos e atuando." (GLEZER, 2007, p. 14)

Por investigar a memória coletiva de um grupo pequeno e específico, busco entender as sobreposições e convergências dela, sem deixar de levar em consideração que cada indivíduo é como um universo em si, cheio de lembranças e de imaginário. Em Carne e Pedra, Richard Sennet tenta reescrever a história da cidade a partir da experiência corporal enfatizando a interação entre o corpo e a cidade. Numa reprodução semelhante, meu exercício é buscar pela história de um grupo pequeno de pessoas e sua interação com uma parte da cidade.

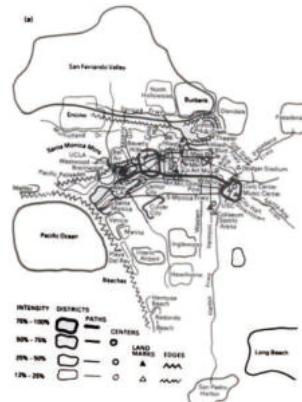
Árvore genealógica



Mapas

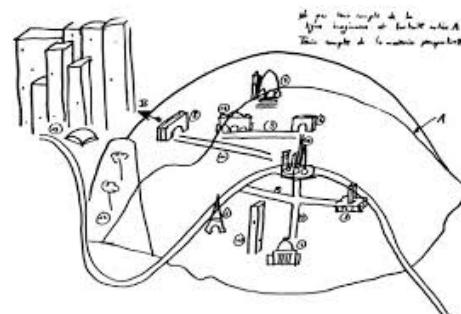
Trabalho com mapas de memórias, que permitem narrativas sobre o espaço. Para fazer estas leituras é necessário abordar as associações emocionais e psíquicas de cada indivíduo entendendo sua visão interior e coletiva.

O mapeamento cognitivo “é um processo composto de uma série de transformações psicológicas, nas quais o indivíduo adquire, codifica, armazena, retoma e decodifica informação sobre as localizações e atributos relativos ao ambiente espacial”. (DOWS e STEA, 1973 apud. SOINI, 2001).



Mapa cognitivo da cidade de Los Angeles, EUA
Fonte: DORLING e FAIRBAIRN (1997), In: SOINI (2001).

Levando isso em conta, tem-se que o mapa cognitivo é um modelo gráfico de essência individual que representa a percepção do mundo em que determinada pessoa vive. Segundo SOINI (2001), o mapa cognitivo armazena na memória a existência de objetos, suas características e localizações espaciais conhecidas. Ele registra informações de ambientes em que se interagiu previamente. Não somente o físico tangível, mas também as experiências ambientais, e os espaços cultural, social, político, econômico.



Mapa mental de Paris, França, desenhado por um estudante de 25 anos de idade.
Fonte: MILGRAM (1984), In: SOINI (2001).

Instrumentos para mapeamento Participativo a partir da experiência da FIDA					
Técnica	Descrição	Público / aplicação	Aspectos positivos	Aspectos Negativos	Recursos
Desenho no solo	A memória cartográfica é representada no solo	Adequado para o inicio de atividades	Favorece participação de pessoas não letradas; Baixo custo; Resultado tangível e em curto prazo de tempo; Interativo.	Não é possível replicar (mas é possível registrar); Frágil e efêmero; Inexato.	Materias disponíveis no local e na natureza
Croquis	Mapeamento em folha de papel construído a partir da memória	Gestão de recursos e do território.	Favorece participação de illetrados; Baixo custo; Resultado tangível e em curto prazo; Interativo.	Inexato; Não aplicável a debates com instituições de governo.	Folhas e matérias de desenho; Variável de acordo com o público.
Representação parcial da comunidade	Desenho representando referencias espaciais da área	Gestão de recursos e do território; Combinacão com mapas bidimensionais.	Baixo custo; Resultado tangível e em curto prazo; Interativo; Fácil de ser entendido e relacionado com o cotidiano.	Informação não georreferenciada; Não aplicável quando a necessidade é obter medidas; Inexato.	Folhas e matérias de desenho; Percorrer a região.
Mapa plano	Inserção de informação em mapa (georreferenciado e com escala)	Adequado a situações que tenham demanda por protocolo cartográfico; Incorpora o SIG e o GPS;	Maior precisão na informação; Baixo custo; Resultado tangível e em curto prazo de tempo; Trabalha com distâncias e áreas.	Dificuldades de acesso à informação cartográfica (sobretudo em países pobres); Inexatidão do dado inserido; Formação para compreender o mapa e seus componentes.	Mapas prontos; Material de pintura e escrita.

Fonte: (FIDA ,2009) organizado por (FERNANDES, 2013) adaptado neste trabalho

GOLLEDGE e STIMSON (1997) propõem condições e métodos para extrair a informação cognitiva espacial adquirida na memória:

- Observação experimental em situações naturais ou controladas (por exemplo: indivíduos organizam objetos que representam os elementos que compõem o ambiente ou desenham em papéis o ambiente em que vivem);

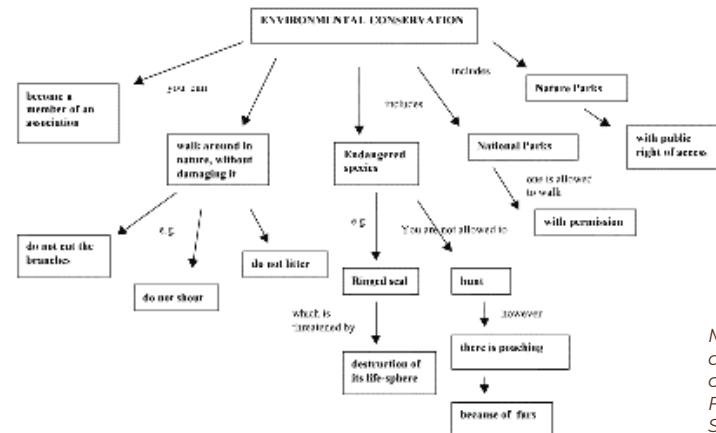
- Reconstrução histórica (por exemplo pesquisa histórica de um determinado local);

- Análise da representação externa (por exemplo análise de um mapa desenhado a mão ou uma representação de um lugar);

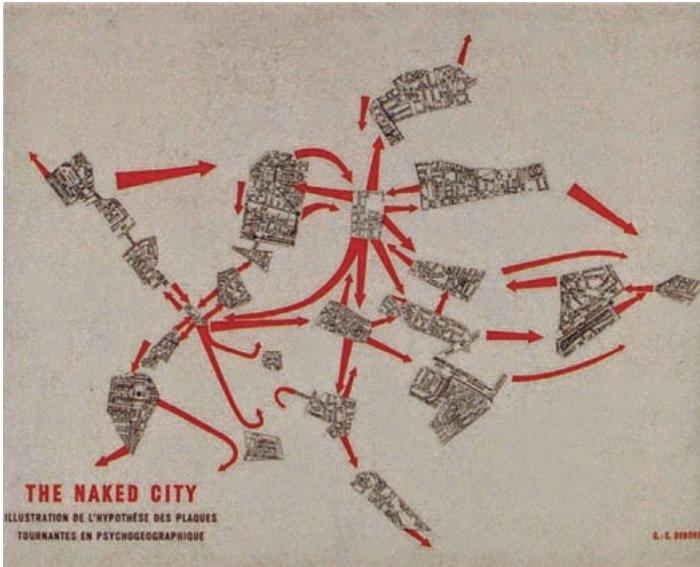
- Tarefas de julgamento indireto (por exemplo: seleção de construções que melhor revelam a informação ambiental).

Para materializar essa informação extraída da memória, é possível realizar mapas cognitivos e mapas conceituais (SOINI, 2001). O mapa cognitivo apresenta características de espacialidade, da interação, do conhecimento, de experiência geográfica e de comportamento espacial. Neste modelo, é possível observar representações e atribuições próprias do indivíduo. Já modelo conceituais descreve o meio ambiente através de diagramas, que são sistemas gráficos para a compreensão do relacionamento entre conceitos ligados ao espaço geográfico. Como os diagramas de classes, que são abstrações de diferentes objetos e fenômenos geográficos.

Segundo Peuquet (2002), o mapa cognitivo é o “conhecimento geográfico individual”. Este termo refere-se à representação cognitiva do espaço geográfico e inclui o espaço imediato de vizinhança, com entidades espaciais complexas e de tamanho considerável, tais como vilas, cidades e outros ambientes. Já o modelo conceitual busca, por meio de esquemas gráficos, dar suporte à representação dos fenômenos do mundo real e às suas associações, conforme as necessidades da aplicação e do usuário. Este modelo é os mais adequados para entender dados abstratos - como relacionamento com os vizinhos - e especificar as suas propriedades, em um nível de abstração que independe dos aspectos de implementação.



*Mapa conceitual de um garoto de 9 anos de idade sobre a conservação ambiental.
Fonte: KANKKUNEN (1999), In: SOINI (2001).*



Mapa Psicogeográfico
The Naked City, illustration de
l'hypothèse des plaques tournantes, assinado por Guy Debord em 1957

Outro campo que trabalha sobre as mesmas questões é a Psicogeografia, originária do movimento artístico situacionista da década de 60. Os artistas situacionistas propunham a superação da principal noção de arte vigente em sua época: o funcionalismo moderno, porque entendiam que esta noção limitava as pessoas e seus corpos a funções determinadas. Buscavam que nós mesmos fossemos a obra de arte e que cada atitude que tomássemos fosse arte. Nesse sentido, o situacionismo acredita que cada pessoa possa criar suas próprias situações em que a experiência vivida única é chave para fugir da alienação.

A Psicogeografia trabalha com uma ferramenta de construção e representação das situações chamada mapas psicogeográficos. A construção desses trata do ambiente geográfico interagindo com o papel das emoções, comportamentos e relações que os habitantes (ou transeuntes) de um lugar estabelecem entre si. É uma leitura não linear do espaço que pode ou não refletir as características físicas exatas dos lugares, como a formas, os tamanhos e as distâncias. É um mapa sobre as relações entre o indivíduo e a experiência vivida no espaço.

Construí os exercícios deste trabalho, então, utilizando os conceitos e as ferramentas da Psicogeografia e do mapeamento cognitivo. Busco produzir peças gráficas, associadas a experimentos que possam revelar e registrar a percepção do espaço por mim e minha família, e principalmente as suas sobreposições.

Um ponto interessante a ser colocado aqui é quanto as minhas referências durante a execução deste trabalho. A questão da memória e cognição espacial parece ser bem abordada tanto pela história e geografia - mapa cognitivo - quanto pelos situacionistas no âmbito da arte - mapas psicogeográficos. Porém, enquanto buscava referências neste tema senti falta dos arquitetos urbanistas nestas discussões. Como na visão do arquiteto esse tipo de metodologia de mapeamento/olhar pra cidade contribuiria no urbanismo.





O Espaço E Eu

Sendo um trabalho sobre a interação com a região do Jaguaré, foi necessário, primeiro, perceber a minha própria interpretação daquele espaço. Desta forma, o primeiro passo para o mapeamento cognitivo foi gravar minhas próprias memórias sobre a região. Como exercício de história oral, gravei a mim mesma contando elas para um amigo.

Enquanto contava, questões me vinham à mente sobre como algumas lembranças não eram tão claras mas, ainda assim, possuíam um significado profundo. Muitas vezes associadas a cores, a objetos específicos, a ruas ou a eventos, estas memórias não tinham um formato definido como um filme que passa linearmente. Estavam mais próximas de uma miscelânea de eventos, ícones, sentimentos e sensações.

Outro ponto interessante foi notar que algumas memórias representavam ações cotidianas, rituais ou eventos repetidos. Não especificamente algo que aconteceu um dia, mas uma sucessão de histórias que juntas faziam algum sentido individual.

Das histórias contadas por mim, foram extraídos e transcritos os principais trechos e memórias, o todo somando 26 relatos diferentes.





1 - "Uma primeira memória que me vem à mente é da casa da minha avó. A gente brincava no quintal dela de fazer casinha e máquina do tempo. O varal ficava do lado de fora, no corredor, e a gente, eu e minhas primas, colocávamos os lençóis, panos, pregadores e tudo que conseguimos encontrar para montar nossa casinha. E eu lembro que a minha avó nunca reclamou da bagunça que a gente fazia. Então nós ficávamos horas ali nos divertindo sem perceber o tempo passar."

2 - "Nós brincávamos no meio da rua com os meninos e meninas das outras casas. E era muito divertido, brincavamos de mãe da rua, polícia e ladrão, pega pega. E eu lembro que era uma gritaria de crianças sem fim. Quando nós saímos na rua, sempre tinha alguém lá para brincar e como a rua é sem saída não tinha muitos carros passando então corriamo livremente. Eu lembro em particular de um menino na rua que se chamava Alfredo e foi na época da propaganda do papel higiênico neve. Aí nós ficávamos gritando "Alfredo!" e alguém gritava de volta "Neve!". Não me pergunte qual era a graça mas eu lembro que nós ríamos horrores disso."

3 - "Na casa da minha avó tinha um mezanino

com uma escada extremamente duvidosa e meus avós sempre falavam para não apoiar no muro pq ia cair se apoiasse. E eu lembro que eu e minhas primas subíamos ali para olhar a rua e brincar. O chão era de ladrilho marrom quebrado e sentávamos no chão e ficava tudo sujo. Nesse mesmo mezanino, quando olhávamos para trás conseguimos ver o shopping continental e no ano novo sempre íamos ali para ficar vendo os fogos saindo do shopping."

4 - "Minha avó gostava muito de planta então ela tinha varia plantinhas em vasos. E nós, eu e minha primas, gostávamos de fazer 'poção' para tentar matar as formigas. Misturávamos todas as plantas, amassávamos babosa e depois passávamos na parede para matar as formigas. Hoje em dia eu fico chocada pq manchava toda a parede de babosa."

5 - "Na casa da minha avó tinha um portão branco e eu não sei porque mas nós gostávamos de ficar subindo no portão e balancando. E meu avô definitivamente não gostava mas em qualquer oportunidade que aparecia nós subíamos no portão."

6 - "Minha avó deixava a gente brincar de separar feijão e deixava a gente brincar de empanar katsu. Provavelmente foi ali que eu aprendi como empanar comidas."

7 - "A rua da casa da minha avó é sem saída mas para chegar nela tem uma outra ruazinha de acesso. Essa rua passava só um carro por vez e era um caos porque sempre tinha que dar ré para outra pessoa passar ou então chamar o vizinho para tirar o carro. Aquela parte da rua era sempre um caos."

8 - "Minha avó levava a gente para comprar doces japoneses numa quitanda na presidente altino. Na época eu não tinha ideia de onde ficava a quitanda só sabia que caminhávamos um pouco e chegávamos no lugar dos doces."

9 - "Íamos muito no Mercado do Jaguaré e antes dele passar por uma reforma ele era bem simples e pacato. Eu lembro que entravamos nele e tudo ali me lembra coisas antigas. Em

algum momento ele passou por reforma e ficou muito chic e foi engraçado como a partir daquele momento ele parecia deslocado do bairro. Até hoje vou lá e fica um sensação estranha."

10 - "Uma vez meu pai foi arrumar a Tv e eu não sei porque guardei aquele lugar. Era uma lojinha numa travessa de paralelepípedo super antiga. E ali eu percebi que sempre que precisávamos de consertos ou qualquer compra sempre íamos em alguma travessinha do Jaguaré e achávamos ali a solução como se aquele mundo fosse o suficiente para tudo"

11 - "Eu lembro de uma vez que eu fui caminhar com a minha mãe para procurar um hack para a televisão de tubo. E nós andamos muito, subimos a bolonha e eu não sei onde fomos parar mas era muito alto com chão de terra e muito mato. E dali eu conseguia ver toda a extensão do rio e perceber o quão alto estava o bairro."

12 - "Quando eu fiz 18 anos eu fiz um auto escola que ficava na General Macarthur. Até aquele momento eu não fazia muitas coisas sozinha a pé e eu comecei a ir para a autoescola a pé. Foi ali que eu percebi o quão perto era a minha casa da casa da minha avó, porque depois de fazer a aula eu ia na casa dela almoçar. Antes disso eu achava que a casa da minha avó era muito longe quase outra cidade."

13 - "Tem um lugar no Jaguaré chamado balão do Jaguaré que é uma praça com rotatória que hoje eu sei que é a praça Henrique Dumont Andrade. Mas toda a minha família se referia a praça como balão do Jaguaré ou rua dos bancos. E aquele era um lugar que eu não entendia a localização, eu sabia que quando eu chegava nele eu podia descer a Bolonha, subir para o continental e acessar outras ruas que eu não tinha ideia de para onde iam. Era um lugar no campo das ideias"

14 - "Uma vez eu estava conversando com um amigo da faculdade e falei para ele que eu tinha comprado uma sapatilha na rua dos

bancos. E ele ficou chocado sem entender porque para ele a rua dos bancos era na USP. Ai eu disse que era a rua dos bancos do lado do balão do Jaguaré e ele fez uma cara ainda mais de confuso. Nesse momento eu entendi que só a minha família chamava daquele jeito os lugares quase como um dialeto próprio."

15 - "Outro momento de epifania foi quando eu entendi como chegar da avenida Politécnica até o balão do jaguaré. Antes era uma mágica que fazia em brotar da politécnica até o balão. E em algum momento eu tive que fazer esse trajeto a pé e entendi que eu tinha que pegar a Miguel Frias, cruzar a jaguaré e subir a bolonha."

16 - "Uma vez quando eu estava voltando da auto escola eu resolvi fazer um caminho diferente. E foi quando eu percebi o quão arborizado era o bairro, como as árvores eram grandes e as casas tinham um padrão distinto. Até o clima ali parecia diferente e mais leve."

17 - "Meu avô tem um bazar na avenida Rio Pequeno e ele sempre foi andando da casa dele até o bazar. Eu adorava ir no bazar porque era um momento de diversão porque eu ficava ali com a minha avó e meu avô. Naquela época eu achava que o bazar do Di, é como chamamos avô em japonês, ficava numa outra parte da cidade. Depois eu entendi que era relativamente perto quando eu comecei a pegar ônibus e depois fiquei chocada quando fiz o trajeto a pé e percebi que era bem longe para caminhar. Uns 40min de caminhada da casa da minha avó e meu avô fez esse trajeto por muito anos sem reclamar."

18 - "Uma vez eu estava de patins e precisávamos cruzar a ponte do jaguaré para ir no parque Villa lobos. Eu tive a brilhante ideia de cruzar a ponte usando o patins e foram os 20 minutos mais longos da minha vida. O pavimento da ponte era instável e tinha muito barulho então eu não conseguia ouvir a minha mãe e eu só queria que aquilo acabasse. Antes eu só tinha cruzado a ponte de carro então ela parecia uma transição normal mas naquela vez eu percebi o quanto ela era péssima para o pedestre."



19 - "Eu tenho uma breve lembrança do mirante do Jaguáre, quando eu era pequena. Acidentalmente entramos em alguma rua do balão do jaguáre e passamos na frente do mirante e eu fiquei chocada com o tamanho."

20 - "O meu primeiro contato com a Igreja São Francisco foi na primeira comunhão da minha prima. E nesse primeiro contato a igreja parecia super iluminada e amigável. Anos depois eu fui lá de novo em velórios e em especial o da minha avó aquele lugar ficou muito tenebroso e escuro."

21 - "A presidente Altino é uma avenida que começa na Corifeu e termina em Osasco. Minha mãe sempre falava que estava na presidente altino e as vezes ela chegava rápido em casa e às vezes demorava muito. Então eu não entendia como era possível ter uma variação de tempo tão grande e ficava brava com ela. Levei vários anos para perceber que ela era enorme e que a culpa não era da minha mãe."

22 - "A Rua General Macarthur é uma rua que faz uma curvona e cruza com a Presidente Altino mas as duas começam na Corifeu. Eu ficava muito confusa quanto a posição relativa das ruas mas aceitava. Só realmente entendi quando comecei a andar a pé pelo bairro e tive que andar nas duas sem me perder."

23 - "Subindo a Macarthur tem um prédio de tijolo avista bem grande. Ele é um marco na paisagem que eu uso para saber mais ou menos aonde estou no bairro."

24 - "A Corifeu é uma enorme avenida que vai de osasco até quase a estação butantã e eu sempre passei por ela. Quando eu era criança eu achava que a corifeu era a rua que conectava a casa de toda a minha família. Porque dela eu conseguia chegar na casa de todo mundo."

25 - "A Corifeu e a Jaguáre são avenidas centrais do bairro. Quando eu passei a pé

por elas percebi o quanto elas eram barulhentas e cheias. E fiquei interessada em como elas contrastavam com a Presidente Altino e a Macarthur que são vias centrais do bairro mas que são bem mais amigáveis para caminhar."

26 - "Descendo a rua da minha avó chegando na presidente altino bem na esquina tem um lugar que vende frango assado e polenta. Toda reunião familiar na casa da minha avó tinha esse frango e polenta. Um pouco mais para baixo tinha um restaurante chamado Yassunaga que toda minha família gostava muito de comer e é um restaurante super pequeno que parece uma colônia oriental."



Desenhos realizados separadamente na tentativa de abranger um sucessão de memórias



Após esse exercício quis me colocar o mesmo desafio de memória porém usando outra linguagem. O desenho sempre foi uma forma de expressão muito usada por mim, assim após ouvir e transcrever, fui para a representação visual gráfica. Já nas primeiras tentativas percebi que era muito complexo representar a memória com um único desenho figurativo. Por isso fiz uma sucessão de desenhos sobrepostos na tentativa de representar as inúmeras lembranças ligadas aquele espaço.

Nesse processo, foi possível refletir e identificar pontos de convergência e eixos carregados de significado para então refletir sobre as diferenças desses dois processos/linguagens. Novas questões apareceram sobre como, talvez, apenas um tipo de linguagem não consiga alcançar todos os aspectos subjetivos e



internos das lembranças. A memória apresenta associações com todos os sentidos humanos e sua consciência. Então como apenas um método seria o suficiente para captar essa essência multifacetada?

O conceito de memória é importante, pois permite analisar as representações produzidas como resultado de uma experiência concreta e de desejos existentes sobre um determinado espaço geográfico. (ARRUDA, 2000, p. 41)



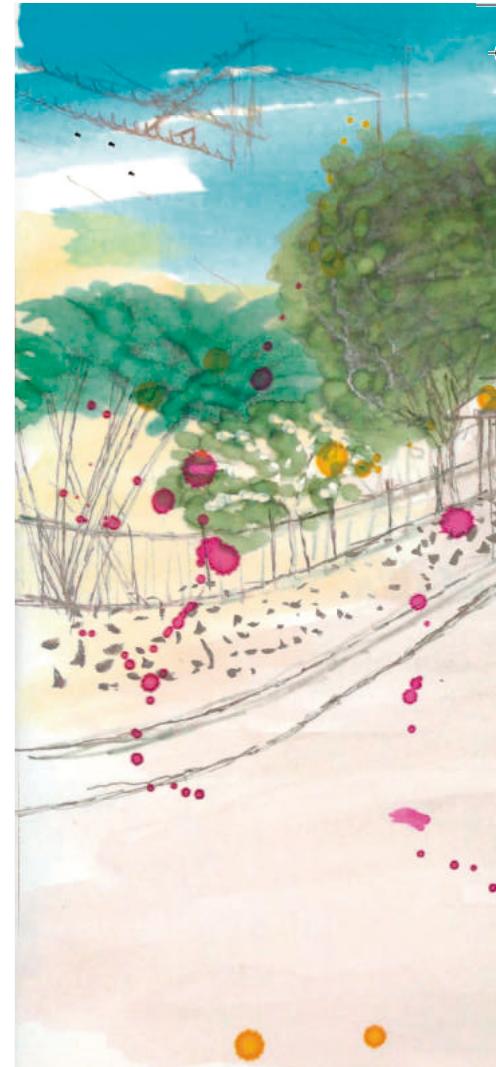
Desenhar foi uma forma interessante de começar a compreender a representação gráfica dessas interações com o espaço, sobreposição de memórias e sentimentos. Porém, cada representação é única e específica, um recorte. Qual a posição delas no espaço? Qual a relação delas com o urbano? Para responder essas novas perguntas, me propus a elaborar um

mapa situando as minhas memórias. Onde estavam localizadas aquelas memórias que contei e desenhei, e como mapeá-las?

Sandra Jatahy Pesavento em 'Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias', defende que quando estamos em um lugar novo procuramos identificar pontos de referência associados ao passado, apoios e instrumentos para o processo de reconhecimento. O espaço é recriado na nossa memória pelos afetos, sensações e ideias que já existiam assim como a cada espaço novo que conhecemos, nossos afetos, sensações e ideias também são aos poucos recriados.

Neste exercício, tentei mapear a localização dessas memórias utilizando tanto texto quanto marcação numérica. Para isso, desenhei o que eu conheço da região à mão livre, uma vez que o objetivo era traçar rapidamente o bairro sem olhar antes um mapa da região.

Mais questões surgiram a partir desse mapa uma vez que, no meu imaginário, eu conhecia a região 'como a palma da minha mão'. Entretanto, ao fazer o traçado e situar as memórias, me deparei com uma tarefa difícil. Percebi que conhecia aquele lugar a partir das minhas lembranças não-lineares e com relações nem sempre bem estabelecidas entre elas. Como as ruas se conectam e o que há no intermeio entre essas ruas? Talvez a memória não consiga contemplar esse nível de detalhamento. Talvez ela consiga apenas guardar aquilo que gera uma correlação emocional ou cotidiana.

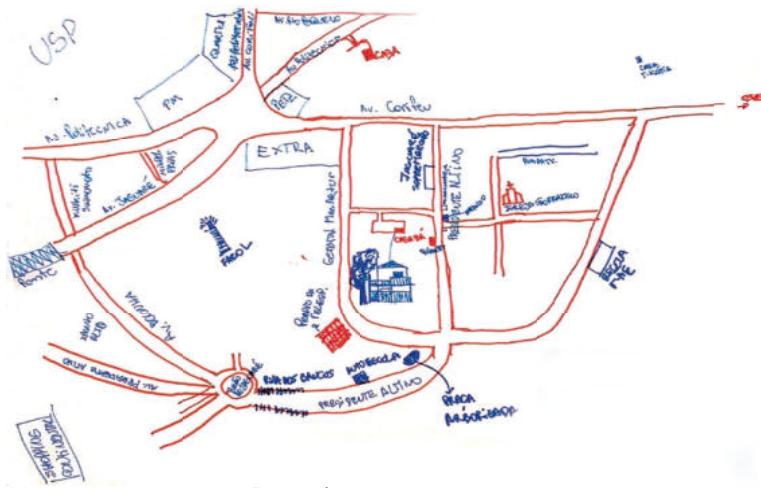




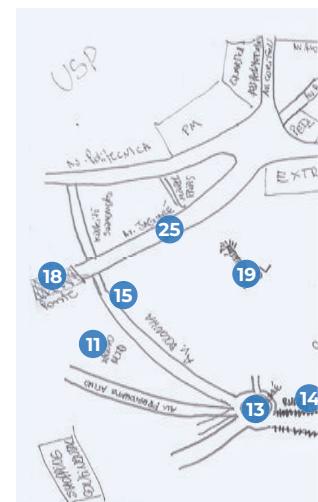
Sobreposição dos desenhos feitos separadamente.

O historiador francês Pierre Nora (1993, p.21) criou o termo lugares de memória que, para ele, “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos”. Esses são espaços onde a memória coletiva se ancora fisicamente, o que permite ser percebida pelos sentidos. Também são espaços funcionais uma vez que adquiriram a função de firmar as memórias mas também são espaços simbólicos onde a memória se expressa e se revela. Ele define como lugares carregados de uma “vontade de memória”, caso contrário, seriam apenas espaços de história. Desta forma, podemos entender as cidades como lugares plurais e não-estáticos, quer dizer, seus muitos significados dependem dos sujeitos envolvidos e dos contextos históricos.

Em uma escala bem reduzida, o mapa realizado apresenta lugares de memória significativos para mim e para a minha história. Alguns desses lugares apresentam mais fortemente aspectos funcionais, como a Avenida Presidente Altino onde há sucessão de trajetos e momentos relacionados a ela. Enquanto, outros, têm aspecto simbólico mais forte, como a esquina do local do frango que representa os almoços de domingo na casa da minha avó. Assim, cada memória apresenta os três aspectos - material, simbólico e funcional - porém em graus diferentes.



Mapa para representar o Jaguaré, realizado por Barbara Iamauchi



Memória

A execução desses exercícios buscavam uma forma de “ler” o bairro, estando, assim, encarando a cidade como um texto, que registra uma sociedade. Realizar esta leitura se mostrou um exercício muito complexo uma vez que a relação entre a cidade e os indivíduos que nela habitam pode ser feita sob diversas abordagens. A cidade não é apenas a parte física e também não é apenas os seus sujeitos.

“A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a.” (BARTHES apud BARROS, 2007, p. 40)

O primeiro exercício realizado individualmente tinha por objetivo apreender alguma noção própria sobre as lembranças e memórias do Jaguaré. O segundo exercício foi o esforço de localizar geograficamente essas memórias e identificar lugares de memória. A partir deste ponto, escolhi ampliar as possibilidades de



Mapa com a referência das memórias realizado por Barbara Iamauchi

visão e interpretação da região, e comecei dinâmicas junto com a minha família, para agregar memórias de mais pessoas, e de pessoas que se relacionam entre si.

Conforme a proposta de COLLEDGE e STIMSON, elaborei uma dinâmica diferente da utilizada anteriormente, quando estava sozinha. Essa nova dinâmica consistia em conversas gravadas e exercícios divididos em três passos. Primeiro pedi que a pessoa contasse memórias marcantes para ela sobre o bairro. Depois, fiz uma série de perguntas para estimular memórias sobre o bairro. Por último, pedi para que desenhasse o bairro ou algumas de suas memórias dele.

Participaram Walquiria Iamauchi Barroso (minha mãe), David Alves Barroso (meu pai), Beatriz Iamauchi Barroso (minha irmã) e Katia Yumie Iamauchi (minha tia). A escolha desses familiares se deu por conta da influência direta que tiveram e têm com a minha vivência do Jaguaré e as minhas memórias. Para além do trabalho, acredito que a passagem de lembranças entre gerações é muito gratificante e constrói parte importante da história oral.



Primeiro Exercício

Neste momento o entrevistado contava a sua história com o Jaguaré e acontecimentos marcantes que aconteceram na sua vida naquele bairro. O objetivo era, assim como o exercício feito individualmente, começar a traçar fios de memória e percepções da região. Buscava uma primeira introdução ao tema e um entendimento do que era o Jaguaré para eles.

Para esta etapa pedi que contassem histórias sobre a relação deles com o bairro. Não houve explicação da delimitação ou mesmo o que era o bairro do Jaguaré já que a ideia era que construíssemos juntos a área de estudo. Como esse primeiro contato foi sem muitas instruções claras, diversos tipos de memória apareceram. Desde memórias mais intimistas sobre sensações e sentimentos até memórias históricas sobre o bairro.

Neste mesmo dia, para melhor entender cada um dos entrevistados pedi que escolhessem uma memória que tivesse um significado afetivo para eles e fizemos um esboço em conjunto. O objetivo desse esboço era apenas entender como aquela pessoa tinha a memória gravada na mente. Entender as proporções do contexto, a paleta de cores do ambiente, o clima e tudo que fosse relevante para a pessoa sobre a memória.

Gravei todas as entrevistas e selecionei algumas delas para transcrever.



Relatos de Walquiria Iamauchi

1 - "Nascida no Jaguaré em 1967 na Travessa Charles Golbat, a única que não era asfaltada, era de chão batido. Tinha muito muito mato e nós brincávamos, naquele mato e mergulhávamos naquele mato achando que estávamos mergulhando no oceano. Era a coisa mais bacana que nós fazímos. Tinha uma plantação de mamona e nós brincávamos com aquela mamona, né? E pegando aquelas bolinhas, tacávamos nos nossos amigos e era assim, a vida para nós. Muito, muito, muito legal."

2 - "No Jaguaré não tinha prédio. O primeiro prédio que foi construído, foi o prédio da Telesp. Quando começou a ser erguido, ele parecia um arranha-céu. Hoje, nos olhando esse arranha-céu, ele não é tão grande. Porém na época, para nós, era uma maravilha."

3 - "Nós íamos da minha casa até a escola Esperidião Rosa onde estudávamos e só tinha

casa. Hoje o trajeto é cheio de comércio e é tão próximo e mudou tanto a estrutura que mal reconheço."

4 - "No Jaguaré tinha dois mercados, um menor na avenida presidente altino chamado Supermercado Jaguaré e um maior na avenida Corifeu chamado Gigante. E esse supermercado maior, Gigante, era a sensação da região, por ser grande. E eu lembro que nós íamos passear nesse mercado, que era uma das atividades que agente tinha para fazer. E quando esse supermercado Gigante, pegou fogo foi a tristeza do bairro, né? porque ele acabou caindo o forro. E por um bom tempo ele ficou abandonado e hoje ele se tornou um prédio da porto seguro."

5 - "No Jaguaré, ele tem um mega terreno, que na época nós chamávamos de "morrão". Porque ele era morrão? Porque ele tinha altos e baixos, era um local que a criançada usava para jogar futebol, brincar de esconde esconde, soltar pipa, passear. Era muito bacana porque era uma área verde porém sem cuidado da prefeitura, até hoje não tem cuidado da prefeitura. Porém era um local que todos utilizavam para cortar caminho para um outro bairro chamado Parque Continental. E justamente na divisa entre o Jaguaré e o Parque Continental foi construído um shopping, chamado Shopping Continental. Então todos os moradores da região utilizava esse morrão para cortar caminho para ir passear no shopping Continental. Então de dia, era cheio, porque todo mundo cortava caminho e brincava mas de noite, era ninguém passava porque era muito escuro e acabava se tornando perigoso. Hoje ele é totalmente murado porém continua abandonado"

6 - "A casa onde eu nasci dava para ver o morrão e o shopping continental. Hoje, com a construção de prédios de mais moradia, eu não consigo mais visualizar nem o morrão nem o shopping Continental. E a diferença de visual é brutal. Porque hoje eu vejo concreto e naquela época eu via assim, além do que meus olhos conseguiam investigar."

7 - "Na frente da minha casa tinha a casa do seu João e o muro era uma cerca viva com muitas

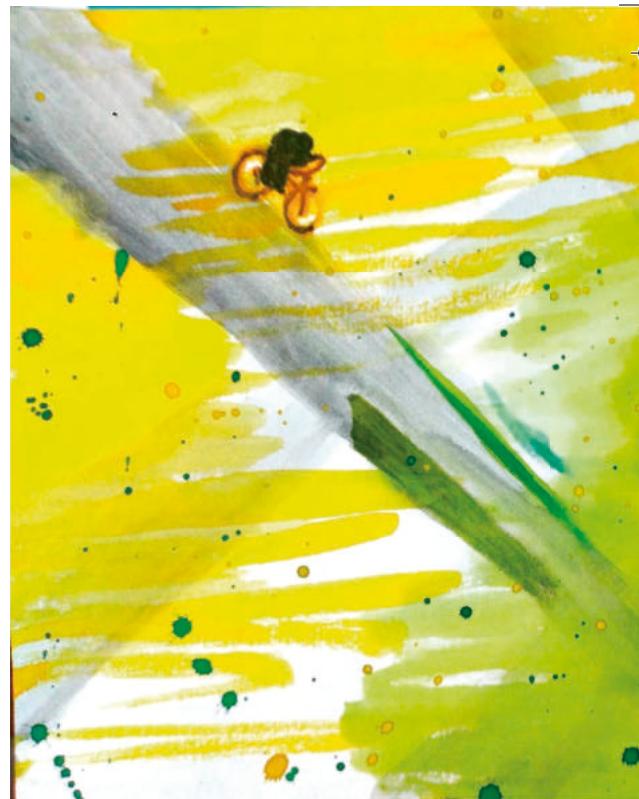
plantinhas e tinha um pequena plantação de cana de açúcar. E na época de férias era muito gostoso porque o seu João distribuía aquela cana de açúcar que a gente cortava e chupava. Que lembrança bacana."

8 - "Na minha infância, eu e os meus amigos, nós pegávamos as bicicletas e saímos em disparada pelas ruas do Jaguaré. Passeávamos pela Avenida Corifeu, a General MacArthur, e Presidente Altino, descíamos a Bolonha, a Miguel Frias numa velocidade muito alta. E muito, muito bacana. Isso traz uma lembrança muito boa porque não tinha preocupação com carro então para nós ali era um verdadeira pista. Então era assim muito muito bacana."

9 - "Nós descíamos de carrinho de rolimã pelas ruas íngremes do Jaguaré. Pegávamos, saímos de frente a Igreja do São Francisco na General MacArthur, descia em direção a escola do Esperidião Rosa numa velocidade. E apostando corrida com outros amigos. E sem a preocupação se tinha ou não veículos"

10 - "De quinta feira tinha feira de rua na José Pereira de Carvalho. Eu lembro que meu pai tinha que tirar o carro de madrugada por conta da montagem das barracas. E ele ficava muito aborrecido de ter que acordar cedo e deixar o carro distante justamente porque essa feira pegava de canto a canto a feira"

11 - "Depois de adulto nós quase não andavamos mais de bicicleta porque ali mudou muito. Mudou por conta de trabalho. Eu mesmo andava até o trabalho. Trabalhava no Jaguaré com 14 anos em uma quitanda entre a Presidente Altino e quase ali na Corifeu. Depois eu fui para a Freio de ouro que é na Miguel Frias de Vasconcelos que ali eu fiquei 12 anos. Ai meu trajeto era da minha casa descer a Rua Jaguaré e Miguel Frias. Então depois do trabalho era mais a pé."



"Quando eu era criança na época de natal nós ganhamos uma bicicleta. Naquela época para mim as ruas eram sempre linhas retas. Somos em 4 irmãos então tinha fila para pegar a bicicleta. Quando eu pegava a bicicleta eu descia a rua que eu morava, a Charles Golbat, antiga rua particular, pegava a Rua José Pereira de carvalho, entrava na presidente Altino e ia lá no balão do



Jaguaré. Para mim ali era o único local de círculo. Porque eu sempre imaginava ruas paralelas como se fosse um tabuleiro de jogo da velha. Ai subia em direção ao parque continental, descia pela corifeu, entrava novamente na presidente Altino e descia ali com a maior velocidade porque ele era descida e subida. Era muito bacana porque a gente fazia esse movimento de morro.

E chegava a Araicas, entrava e já tinha o supermercado Jaguaré. E sempre era esse mesmo trajeto então descendo a presidente altino, descíamos numa velocidade... e o bairro parecia muito pequeno. Porque de bicicleta e muito novinha ia pedalando fazia essa volta todinha parece que em questão de minutos. Uma vez estávamos descendo a presidente altino, passei pelo mercado jaguaré, fiz a curva na Araicas e dei de cara com um carro. E naquela hora eu tremi e joguei a bicicleta para a direita e levei o maior susto. Quase que capoto ali mas tudo deu certo. Ai eu continuei no retão em sentido Igreja de São Francisco de Assis. E porque eu falo que as ruas eram paralelas, porque a gente sempre entrava direita sempre, entrava esquerda, entrava para direita, aquele retão. Descendo a rua da Igreja São Francisco de Assis em direção a escola espiridião rosas, naquela descidona. Eu lembro nitidamente porque uma vez eu estava descendo e a tia Kátia estava na minha garupa e ela resolveu pular da bicicleta. Eu aquele velocidade vi a katia correndo mais rápido que a bicicleta. Porque ela desceu mas não caiu ela continuou correndo e eu só vejo quando ela dá um mergulho no asfalto e vai de barriga na guia e fica com o corpo todo verde com o lodo da sarjeta."



Relatos de David Barroso

1 - "Eu vim conhecer o Jaguaré em 1988, para ser melhor 24 de dezembro de 98. Naquela época não tinha praticamente prédios no Jaguaré, era tudo casas. Prédios ali basicamente tinha aquela na frente da casa do Di, aquele que morava a família do Tio zé e aqueles quatro prédios do lado do Extra na avenida Jaguaré. O restante era tudo casas."

2 - "Aqueles prédios que tem na esquina da rua de baixo da casa do Di, da Rua José Pereira. Aquele da esquina tinha umas casinhas e o da frente do outro lado da presidente altino, ali tinha um posto de gasolina enorme que acabou virando prédio. E só foi construído agora 2008, 2009."

3 - "O Jaguaré era um bairro muito tranquilo, eu que vinha de são miguel então, via a diferença. Um bairro, a gente acordava podia quase dormir de porta aberta. Era bem tranquilo na época, tinha movimento de carro

razoável. Mas bem diferente do que é hoje"

4 - "Eu dormia na casa da sua mãe nos finais de semana e segunda feira ia pegar ônibus na corifeu sem problemas, sem medo. Mercadinho Jaguaré era pequeninho na época, não dava um décimo do tamanho que é hoje. A gente descia ali, descia a presidente altino pegava ônibus do outro lado da Corifeu. Era tranquilo tranquilo."

5 - "A Avenida Politécnica não existia. Ela foi construída em 96 aproximadamente. Então o rizinho era aberto e não tinha aquela praça em frente ao extra. Ali passava o rio e vinha só a avenida jaguaré não existia a avenida politécnica. Aí tinha uma ruas escusas que ninguém passava por lá que era entre o Jaguaré e a USP. Aqueles prédios da politécnica não existia nada, nem a canalização do rio. Tudo foi feito a partir de 96 para cá. Então era uma paisagem bem diferente. Ali tinha indústrias naquela região e o extra foi construído também agora depois de 2000. Aquele local era uma grande pedreira abandonada onde foi construído o Extra. E aqueles prédios que tem em cima também não existia foi construído bem depois, já agora 2008, 2010. Então mudou totalmente a paisagem daquela região. E aquela praça da frente ela não tinha formato de praça, hoje ela é uma praça mas era mato mal cuidado, não tinha nada no lugar."

6 - "Indo para o lado da sua tia Katia, ligando com a General Macarthur. Não tinha prédio nenhum. Aqueles prédios são todos depois do anos 2000 para cá. E indo para o lado do balão. Ali não mudou muita coisa mas construíram ainda uns dois prédios naquela região mas não mudou muito. É bem parecido com o que era aquela região os bancos aquela região ali."

7 - "Eu na verdade não tenho muito a contar eu apesar de ter conhecido o jaguaré 98 agente não saia no bairro então não tenho muita história para contar do bairro. E apesar de ter muitos bares e padarias. Mas eu não frequentava. O que eu vejo é a mudança que você vê hoje são diferenças de construções avenida esse tipo de coisas. Mas não tem uma coisa que eu possa contar para você de muito interessante porque

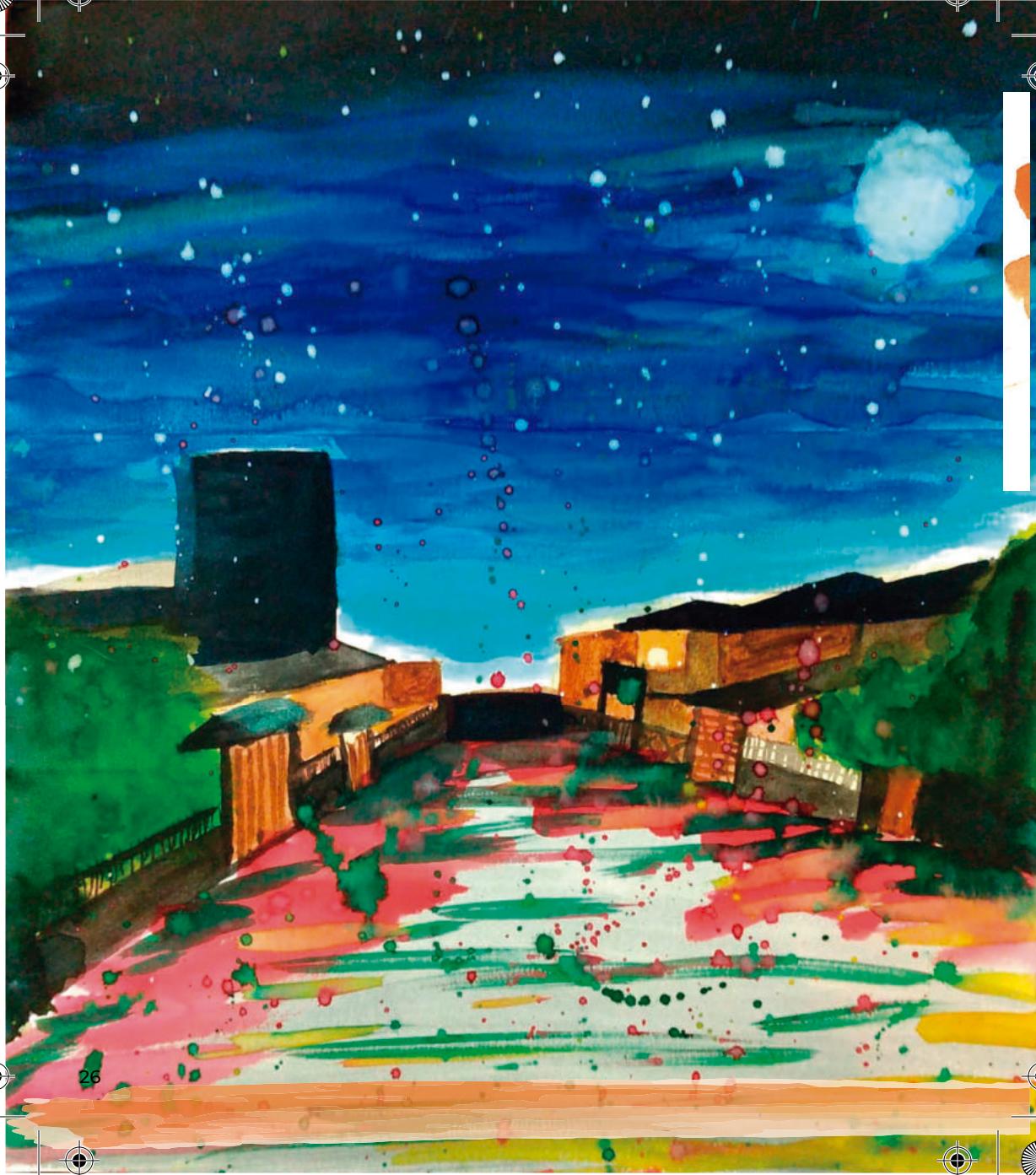


eu não frequentava o bairro a noite."

8 - "Ah lembrei, ali na avenida jaguaré, não existia o Assaí aqueles prédio do lado do Assaí. Tudo aquilo foi construído depois. E lá na frente, dali para frente, era tudo da CAC cooperativa agrícola de cotia. Que faliu e depois uma parte dela virou globo que também fechou. E hoje está sendo derrubado para ser construído alguma coisa. Mas ali era um galpão gigante da cooperativa. E acredito que nos anos 90 ela quebrou e saiu dali. Então a paisagem é bem diferente do que tem hoje tinha galpões gigantes, aqueles galpões eram bem cuidados. Bem diferente do que é hoje."

9 - "Tinha o prédio da Telesp, que também era bem significativo. Era gigante porque só tinha ele ali no alto. E do bairro, eu acho que a grande mudança que tem dos anos 90 para cá é criação a Avenida politécnica, o restante tem mudanças mas essa acho que é a grande mudança aqueles prédios na esquina em frente ao extra. E a avenida em si mudou muito o bairro, desafogou o trânsito e melhorou inclusive o visual e alternativas."

"Foi no meu primeiro dia no bairro, dia 24 de dezembro de 1988. Eu cheguei na casa da sua mãe e era noite de natal, aniversário dela. Tinha um monte de pessoas lah, pessoal naquela época fazia muita festa de natal e tinha participação da rua. Tinha o pessoal do seu Paulino e mesmo o vizinho do lado que não participava ia la comprimentar. A gente acabava encontrando e comprimentando todo mundo. Memória legal porque era festa e tinha comida japonesa. Foi o primeiro dia que o seu Flávio fez sashimi e eu engoli ele sem mastigar pq eu nunca tinha comido sashimi. Terminando a festa na casa dele agente foi dormir. Eu fui dormir na casa do Agrimor que era um vizinho que mora na General Macarthur."





Relatos de Beatriz Iamauchi

1 - "Minha primeira memória do bairro do Jaguaré é a gente brincando na rua da Bá. Nós brincávamos na frente da casa dela soltava bolinha de sabão. Aquilo parecia um quarteirão inteiro, um playground gigantesco para brincarmos. Muito grande. E era 100 metros, senão menos. E essa é a minha primeira memória com o bairro. E a entrada na avenida que parecia interminável e na minha cabeça parecia uns 2 quilômetros e hoje eu vejo que ela é minúscula."

2 - "Entre o mercadinho do Jaguaré e a Igreja. A igreja para mim quando eu era menor parecia a Catedral da Sé. Eu tinha até um pouco de medo de entrar na Igreja porque ela parecia muito grande. E sempre íamos com a mãe e depois passamos para pegar frango assado no carinho do frango assado lá na esquina. E parecia tudo muito perto, parecia tudo vizinho. Eu lembro que a gente ia várias vezes por mês

só para pegar aquele frango assado. E o lugar do frango assado, sempre que eu passo por lá me dá uma sensação nostálgica."

3 - "O Yassunaga o restaurante japonês porque eu lembro que quando eu era menor ele parecia muito, não sei se é memória de criança, caindo, muito capenga. Depois teve uma reforma e ele ficou super wow. E eu lembro que eu comecei a encarar ele como 'nossa o yassunaga'. E hoje eu vejo que ele está caidinho. Minha memória dele é gigantesco e uma enorme colônia asiática."

4 - "Andando de bicicleta com a mãe e a gente estava na ponte do Jaguaré. E lembro que a minha bicicleta estava meio estranha, acabou furando o pneu no meio da ponte e tivemos que voltar com a bicicleta para casa. E eu lembro que a ponte parecia gigantesca, tipo uns 3 km, porque tivemos que empurrar a bicicleta. E fomos andando até o Assaí, parecia muito muito longe. Paramos na borracharia e tentamos concertar minha bicicleta e não conseguimos. Depois tivemos que empurrar a bicicleta até em casa e parecia muito grande. E o que me chamou mais atenção foi o barulho. Como era barulhenta aquela avenida até chegar no Extra."

5 - "O parque villa lobos também. Para mim o parque vilas lobos como memória é muito 'nebuloso', eu nunca consigo me localizar. E parece que se eu entro de um lado eu vou sair do outro lado. Eu nunca sei para onde eu estou indo e nunca tenho direção. Parece que eu entro no país das maravilhas e nunca sei para onde eu estou indo, só estou andando. Parece um labirinto, não um labirinto ruim é um labirinto bom. É gostoso ficar perdido ali. Só que quando você tem horário para sair porque eu raramente consigo sair e chegar no ponto que eu quero no tempo certo."

6 - "A favela perto do CEASA antes era tudo conjunto, passávamos lá de carro e eu tinha muito medo. Hoje é muito estranho porque de um lado tem moradores de ruas e famílias em condição de pobreza péssima. E do outro lado tem aquele centro econômico gigantesco e depois o carrefour. Minha memória de antes era

que aquele lugar era só pobreza e agora tem uma divisão muito nítida."

7 - "A favela do Jaguaré, quando eu era menor eu não percebia que era uma favela. Para mim era um monte de casa no morro. Muito íngreme, parecia quase perpendicular ao solo. Mas para mim eram casas normais no morro. Tanto que quando eu passava pela corifeu eu nunca olhava para cima eu sempre achava que as casas acabavam no térreo. Uns 3 anos atrás eu comecei a olhar para cima e ver que tem muitas casas."

8 - "O shopping continental na minha memória afetiva é sinônimo de felicidade. Porque nós nos encontrávamos muito com a família lah. Iaos muito com a Amanda Fernanda, principalmente com a Tia Kátia, a Lah. E sempre que a mãe me chama para ir lah me dá uma nostalgia. Para mim o shopping Continental parecia muito perto de casa, acho que porque íamos muito no shopping. E parecia que lá tinha tudo, que era o melhor shopping do mundo. Quando eu olho hoje eu vejo que não tem nenhuma loja, não tem tudo que eu quero. E uma das memórias muito frequentes é nós indo lah comer yakisoba."

9 - "A avenida Bolonha parecia que sempre que eu estava perdida nos caímos na bolonha e eu me localizava. Sempre que eu passava que a Bolonha era uma rua perigosa porque ela não tinha muito iluminação. Para mim ela era a rua que estava em todos os lugares, porque sempre que eu me perdia a mãe falava que estávamos na Bolonha ou então eu via alguma plaqinha escrito bar da Bolonha", 'mercado da bolonha'. Tudo que está na rua da bolonha tem o nome da Bolonha."

10 - "O cruzamento quando você sobe a Bolonha, não é um cruzamento é uma rotatória. Porque parecia para mim que todas as entradas da rotatória era a mesma entrada, porque acho que só pegávamos uma. Parecia que todas as entradas era aquela subidinha que se você andar mais um pouco você chega perto do shopping continental."

11 - "A corifeu parecia para mim que ela era circular, se saísse de um lado da corifeu você ia voltar no início. Eu sempre achei que ela era circular. E até hoje as vezes eu me questiono. A corifeu não é circular mas na minha memória ela sempre vai ser circular, se você sai de um lado você sempre vai chegar no mesmo lado se você continuar por muito tempo."

12 - "O Kart da avenida Jaguaré, aquilo era uma casinha de surpresas porque eu nunca sabia o que ele era. Algumas memórias da minha vida dizem que ali era um lugar de patinação, outras falam que aquilo era um Kart e outras memórias dizem que aquilo era um paintball. Mas eu não lembro direito então aquele lugar era um lugar misterioso pq eu não fazia a menor ideia de que aquilo era."

13 - "A avenida jaguaré sempre que eu penso lembro de um lugar barulhento e eu penso em lugar de atalho. Para mim qualquer vielinha da Jaguaré é o que eu tenho que pegar para sair do outro lado da cidade."

14 - "A avenida presidente altino que tem a sensação de interminável. Parece que ela corta o bairro inteiro e ela vira qualquer outra avenida gigantesca e corta a cidade inteira. Eu sempre tenho memórias dela sempre escura, sem ninguém na rua. Eu sempre tive uma visão dela de perigosa na minha memória"

15 - "Se eu tivesse que descrever o Jaguaré é um bairro que em geral tem muitas ruas assustadoras, mas é um bairro que parece acolhedor. Você não sente medo de andar na rua. Parece que tudo é longo. As ruas são longas, as pontes são gigantescas mas tudo é muito perto. É tudo muito perto você consegue ir de um lugar ao outro apesar de tudo parecer tão longo. E eu acho que é isso que torna o bairro tão acolhedor. E parece que tudo é muito integrado. Você consegue pegar qualquer vielinha e sair em qualquer outro lugar que você quiser. As ruas são muitas integradas não tem quarteirões gigantescos. Você consegue se mover pelo bairro com facilidade porque ele parece um formigueiro. Apesar das ruas serem muitos logas e tudo parecer muito longe."



“Foi lá em cima na praçinha um dia que eu e o Pai subimos e ficamos subindo e escalando as árvores e passamos a tarde inteira lá. Passamos a tarde inteira lá brincando. Tem uma árvore só que da para escalar. Ela tem um troco de base médio, retorcido mas não muito e ela é muito alta. O tronco dela é baixo mas os galhos delas são muito fortes. A praça era grande e aquele parque me passa um tom de nostalgia. Porque eu lembro que a gente brincava lá, era o tempo que eu saia para andar com o pai e com a mãe e hoje em dia eu não faço mais. Quando eu subi na árvore pela a primeira vez eu lembro de duas coisas nitidamente. A primeira é você empurrando a minha bunda para subir. E a segunda é quando eu já tinha subido mas eu tinha subido muito alto, e eu lembro da mãe gritando ‘bia desce dai ta muito alto’. E eu olhando para cima e vendo todos os prédios e eu me sentindo grande. Eu em cima da árvore quase caindo a mãe gritando comigo e eu sem me preocupar. E eu consigo lembrar de cada prédio direitinho.”



Relatos de Kátia Iamauchi

1 - "O relógio do Jaguaré era aberto a visitação, já a um tempo que ele é fechado."

2 - "Eu lembro que quando eu tinha uns 5 a 7 anos eu jogava bola na Corifeu. Eu morava ali onde é o Habbibs. E era tudo de barro não tinha asfalto não tinha nada. A avenida era uma só. Só o lado que desce. Depois que foi construído o lado que sobe e depois de muitos anos que foi asfaltada."

3 - "A Frei Paulo de Sorocaba, Alexandrita a Campesina, era tudo rua que dava no morrão. No terreno das torres onde agora é tudo fechado. Construíram aquele cingapura perto daquela igreja redonda. E depois disso houve muitos roubos e furtos com o pessoal da favela que foi morar ali na favela. Ai faz uns 15, 20 anos que todas aquelas ruas foram fechadas."

4 - "Onde hoje é o shopping continental era uma construção. Antigamente se chamava

Iohan, que era um supermercado. Depois ele faliu e foi aberta a casas da banha. depois que foi vendido o pool de empresas construiu o shopping. ampliou e hoje em dia é o shopping continental."

5 - "A 45 anos atrás onde era o convento na vila são francisco, eu tinha uns 5 ou 7 anos, meu primo Jaime foi nadar no rio que tinha atrás do convento. Deu uma congestão e ele morreu lá."

6 - "Na Avenida Miguel Fries de Vasconcelos, antigamente tinha um supermercado Morita. Hoje se instala lah um conjunto de prédios residencial."

7 - "Lah em baixo onde hoje é o CEU do Jaguaré, na avenida Bolonha do lado da favela. Tem uns trilhos ali. A muito tempo atrás coisa de 40 50 anos aqueles trilhos eram usado passava trem ali cargueiro. Da refinação de Milho Brasil."

8 - "Também algum tempo atrás Logo na construção do shopping continental hoje tem uma caixa d'água gigante lah. Do lado do estacionamento. Aquilo foi construído porque o bairro começou a crescer e tava faltando muita água no parque continental e Jaguaré. Então aquilo lá foi construído para poder abastecer porque tava faltando muita água no bairro."

9 - "Logo no começo da cândido motta filho, na hora que você sobe da corifeu, do lado esquerdo era uma antiga construtora chamada Constran. Hoje em dia foi tudo urbanizado e é um condomínio de apartamentos."

10 - "Hoje na padaria Filó antigamente era outra padaria chamada center lima. Colado ao center lima colado a doutor francisco patti hoje é a escola do futuro. Antigamente era uma empresa chamada CPM Informática que era um membro, adendo, do Bradesco."

"A melhor representa minhas memórias do Jaguaré foi a inauguração do shopping continental que teve o show da Gretchen. Eu lembro que tinha muita gente e ela estava no palco de calcinha branca. O show no no estacionamento no segundo andar na parte descoberta. Tinha um grande palco. E Também do cinema, que era novo no bairro. O primeiro filme que assistimos foi Marcelinho Pão e Vinho. E para nós, eu, a Wal, o Juco e a Cris foi um momento mágico. As luzes do cinema e a iluminação quase não me deixavam ver direito os letreiros. E tudo parecia tão grande e grandioso."



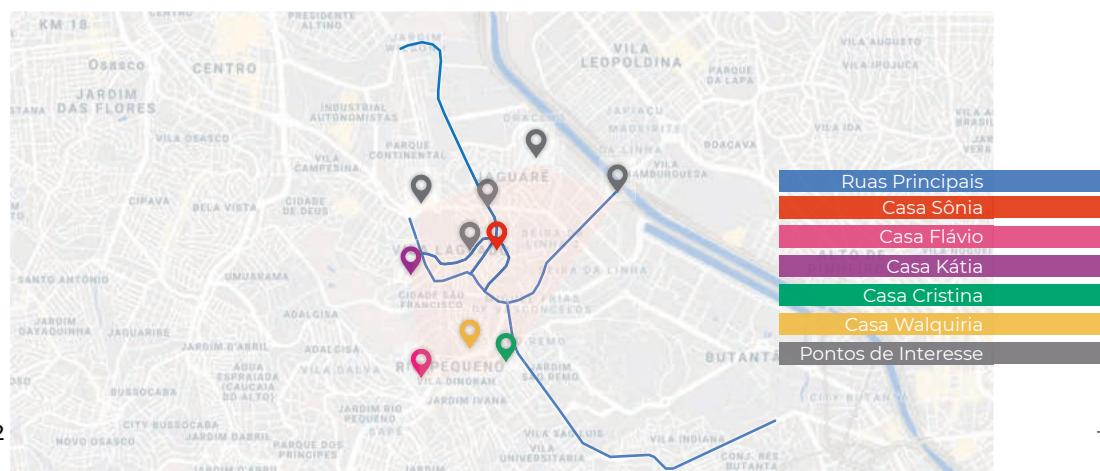
Segundo exercício

Com as entrevistas pude entender um pouco mais da visão individual de cada um sobre o Jaguaré. Além disso, foi possível identificar que alguns pontos chaves históricos do bairro não coincidiam necessariamente com os pontos mais relatados e relevantes nas entrevistas. Desta forma, os pontos chaves foram re-selecionados com base nas entrevistas.

Os pontos selecionados foram: Igreja São Francisco de Assis, Shopping Continental, Praça Henrique Dumont Vilares, Farol do Jaguaré, Ponte do Jaguaré e Ruas principais (Av. Presidente Altino, Av. Jaguaré, R. General Macarthur e Av. Corifeu de Azevedo marques).

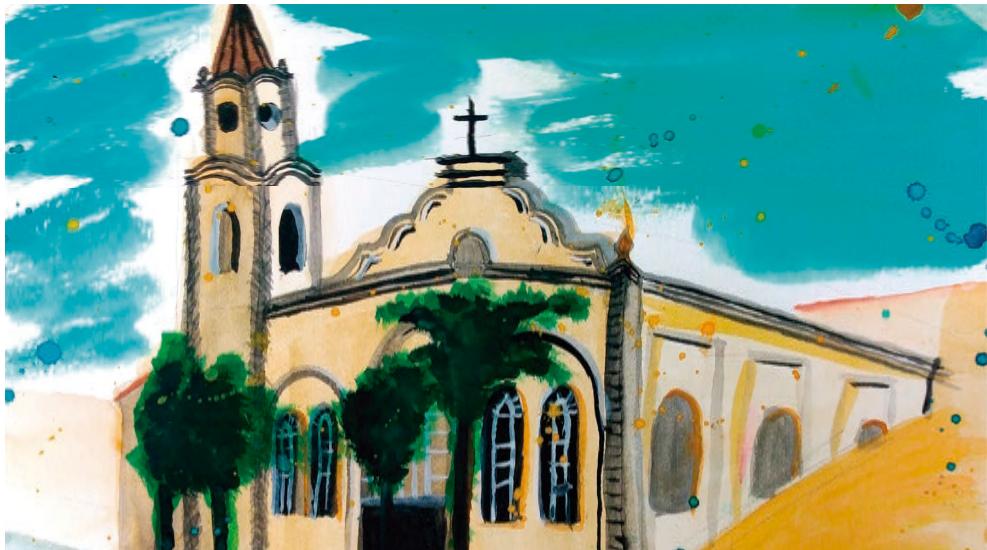
A área de interesse do trabalho não sofreu grandes alterações mas determinou eixos lineares no bairro. Os relatos revelaram as relações das pessoas com as ruas e como as transformações da cidade as impactam.

Mapa da área de estudo alterada





Igreja São Francisco de Assis



"Ela era uma igreja pequena e nós gostávamos muito de participar das atividades da Igreja. Por conta de quermesse e as festinhas que tinha. A igreja era muito bonitinha, traz boas lembranças porque era um ponto de encontro com os amigos. Quando a Igreja foi reformada que abriu e foi colocada uma rampa. Parece que nós perdemos a identidade, a nossa infância se perdeu ali. Porque eu consigo lembrar da Igreja antes da reforma. Então quando eu olho para Igreja hoje eu ainda consigo lembrar a Igreja antiga. Atrás da Igreja tinha um salão paroquial que nos brincavamos na Igreja, separava prenda, participava de encontro com jovens." - Walquíria Yoshiie Iamauchi Barroso

"Uma memória recente da Igreja São Francisco de Assis é do curso de crisma da Bia. Ela fez primeira comunhão lá e foi muito legal" - David Alves Barroso

"Tem uma memória da Igreja São Francisco que é muito forte em um dia de crisma que a gente ficou fazendo um jogo. Então ficamos brincando a aula inteira. Porque a Igreja não é só a Igreja, ela tem umas salinha em cima que a gente tem aula. E tem uns salões super grandes. E foi um dia que passamos o dia inteiro brincando para se conhecer." - Beatriz Iamauchi Barroso

"Da Igreja São Francisco de Assis eu lembro da minha primeira comunhão e das festas juninas que eram na rua. Era muito divertido." - Katia Yumie Iamauchi





Shopping Continental

"O shopping Continental quando foi construído foi a maior alegria porque nós não imaginávamos a proporção que ficaria aquele shopping. Para nós era 'o maior shopping do mundo'. Quando ele foi construído tijolo por tijolo, não víamos a hora da inauguração do shopping. Quando teve a inauguração o bairro inteiro foi e o acesso da onde eu morava para o shopping tinha uma área chamada de morrão. E até hoje continua sendo um morrão ele só foi fechado, eu não sei se pertence a prefeitura. Nós nunca passávamos a noite, sim no período da manhã porque ele era um morro com altos, baixos, árvores. Acabava até sendo um lugar perigoso. Mas nós atravessávamos pelo morrão para o shopping porque íamos em linha reta ao invés de usar as ruas de asfalto. Ia cortando caminho pelo morrão. No início eles promoviam show todo final de semana e a sua avó acabava nos levando. Lá nós vimos a Gretchen, Silvio Britto, Fabio Junior, Jessé, era tanto artista.. O shopping nos íamos de fato só para passear porque ele era um ponto de encontro do pessoal mas como não tínhamos muita condição financeira só passeavamos. Eles fizeram no térreo um espaço de patinação de patins de 4 rodinhas. E o que nós insistimos para a Ba comprar um patins para nós.. porque não era fácil alugar patins para 4 filhos. Demorou uns 2 anos para ganhar o primeiro par de patins para 4. Nos finais de semana nós íamos com os patins e ficávamos revezando." - Walquíria Yoshiie Iamauchi Barroso

"Quando eu conheci o Jaguáré era um shopping que agente podia ir andando porque é muito pertinho. Apesar que na época não tinha nada, na época tinha uma loja que eu lembro chamada Casa da banha. E nós íamos no pão de açúcar que é na mesma rua do lado mas era muito divertido de ir apesar de não ter quase nada." - David Alves Barroso

"Duas memórias sobre o shopping continental. A primeira é nós 4 com a Tia Kátia, o Tio Alves e a Lais comendo Yakissoba. e a segunda memória foi em um dia que eu fui na aula lá na casa da Mirian que é uma professora de piano que fica naquelas vielinhas do continental. E depois nós fomos no continental comer" - Beatriz Iamauchi Barroso

"O shopping continental era antes casa da banha e depois virou Yohan que era um super mercado japonês mas era tudo muito diferente do que é hoje. Era praticamente outro lugar." - Katia Yumie Iamauchi





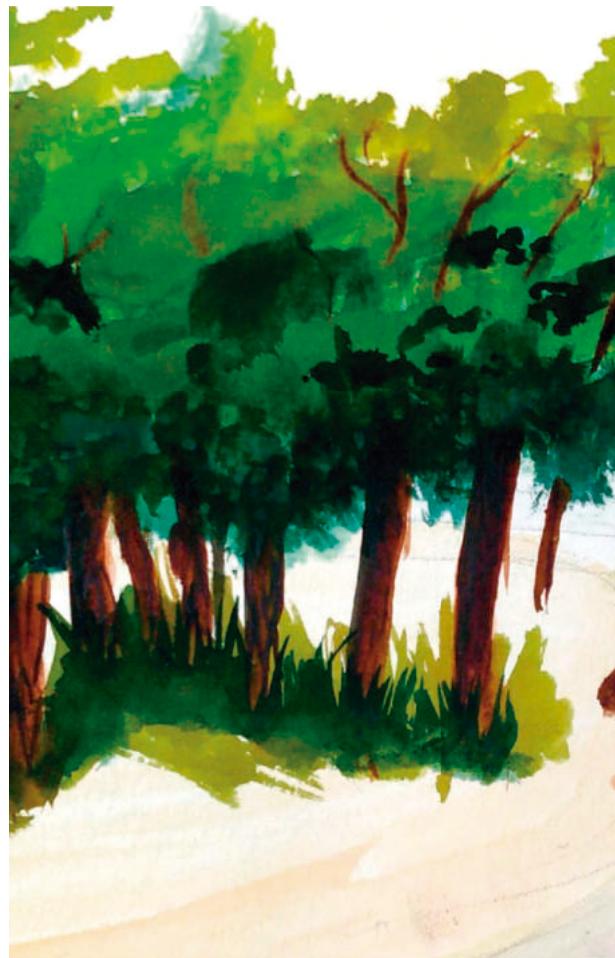
Praça Henrique Dumont Vilares

"No balão do Jaguaré era na minha época um lugar muito escuro, tinha aquelas cadeirinhas de cimento. Então pouco se ficava ali na praça, porque lá não tinha iluminação. Então todo mundo tinha medo por conta da favela do Jaguaré. Era um ponto que nós nunca marcávamos para ir. Sempre tínhamos aquele ponto como um lugar sombrio. Não era um lugar que fámos para lazer, ao contrário até evitávamos." - Walquíria Yoshiie Iamauchi Barroso

"O balão do Jaguaré ou rua dos bancos era o local onde a gente pegava ônibus e quando vínhamos de guarulhos descíamos lá. Nós vínhamos a pé a noite, ou quando tinha que pegar algo no banco. Naquela época, 30 anos atrás, era uma das ruas mais movimentadas do bairro. Lá tinha também o consultório da doutora Cris também que era muito legal" - David Alves Barroso

"Rua do bancos, balão do Jaguaré é a rotatória da Bolonha, né? A gente passou por ali no dia que fomos com a Igreja na Igreja da Sé. Fomos para lá em um ônibus coletivo e depois a gente voltou só que o motorista do ônibus não sabia como voltar para a Igreja então a gente se perdeu até que chegou na rotatória da bolonha e aí tivemos que parar para pedir informação. Nós paramos em um restaurante de comida vegana e a moça nos ajudou a voltar para a Igreja." - Beatriz Iamauchi Barroso

"A praça Henrique Dumont Villares nós conhecemos como balão do Jaguaré. E a minha maior lembrança lá era que tinha uma relojaria de um amigo que estudou comigo no primário." - Katia Yumie Iamauchi



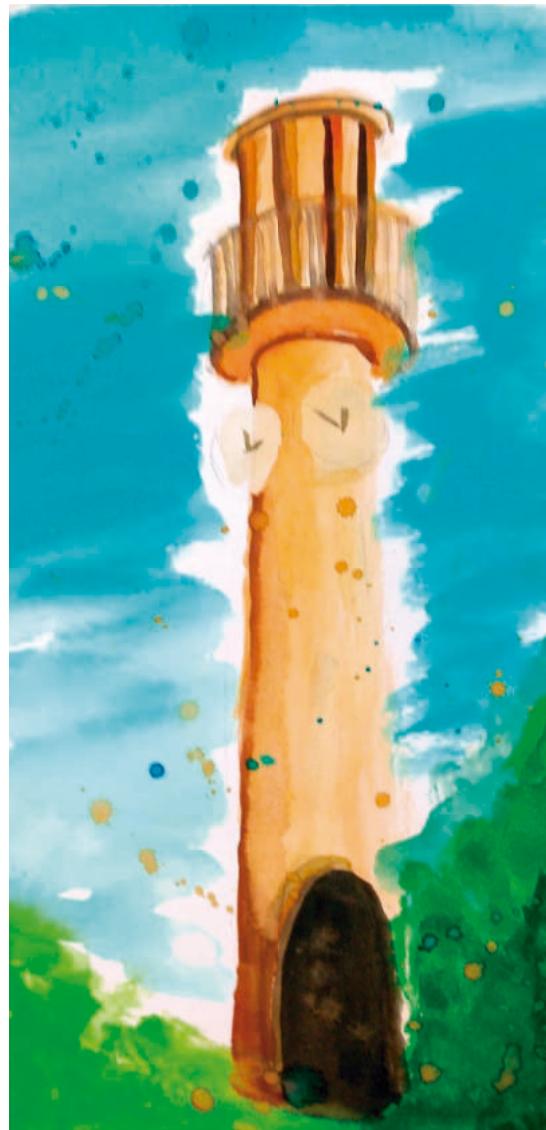
Farol do Jaguáré

"Nós fomos fazer um trabalho e era sobre os pontos do Jaguáré. Foi a primeira vez que eu fui farol conhecer e não sabia que ele era tão grande e bonito. E bem próximo tinha um posto de saúde, nos olhávamos para o farol, para o posto de saúde e não entendemos direito. Lá de cima no farol conseguimos ver São paulo inteiro, vimos a marginal, aqueles muros, aquelas torres lá ao longe. Então isso ficou muito marcado na minha vida. Aquela visão ampla que o mundo não estava só ali, o mundo ia muito mais além do que meus olhos conseguiam enxergar." - Walquiria Yoshiie Iamauchi Barroso

"O farol do Jaguáré é na rua da feira ali mas eu não tenho muita coisa para falar dele. Eu sei aonde é mas não tive nenhuma grande memória com ele." - David Alves Barroso

"Não faço a menor idéia de onde seja" - Beatriz Iamauchi Barroso

"O farol era um ponto turístico mas eu não lembro efetivamente o que era. Se era algo de monge. Mas era aberto para visitação e nós conhecíamos ele como o caminho para a favela." - Katia Yumie Iamauchi



Ponte do Jaguaré

"A ponte do Jaguaré era um local de entrada no bairro, então como nós éramos muito pequenos nós não tínhamos tanto costume de passar pela ponte. Então passar ali a pé pela ponte quando pequenos, jamais. Porque a gente andava de bicicleta porém a gente não pegava a Avenida Jaguaré porque ela era um ponto de acesso para sair do bairro e era muito trânsito. Então agente acabava não indo para lá. Fomos de bicicleta atravessar a ponte do Jaguaré depois de adulto quando construiu o Villa Lobos" - Walquiria Yoshiie Iamauchi Barroso

"A ponte do Jaguaré eu lembro mais das imediações. Tinha a CAC ali do lado, o local que a gente comprava asinha frango, passava ali para o villa lobos. Mais tarde a CAC virou revista globo e sempre foi um ponto de referência no bairro." - David Alves Barroso



"Duas memórias, uma a gente estava andando de bicicleta e eu estava noiada porque os quadrinhos da ponte estavam bambos e eu achei que eu ia cair no esgoto, na água do rio. A outra memória é quando estávamos andando de bicicleta e eu não queria andar de bicicleta. Ai eu fiz tanto karma que o pneu da bicicleta estourou antes de chegar na ponte. Ai tivemos que voltar empurrando a bicicleta na mão com a mãe super brava comigo." - Beatriz Iamauchi Barroso

"A ponte do Jaguaré era uma ponte com duas mãos e só depois, eu não lembro quando foi feito as duas vias. Mas na época ela dava conta do trabalho." - Katia Yumie Iamauchi



Ruas principais

Nesta parte das memórias era apenas pedido que a pessoa contasse sobre as ruas principais do bairro sem especificar quais eram elas. Afinal o objetivo era exatamente, talvez, conseguir essa resposta a partir dos depoimentos.

"Na avenida corifeu tinha um supermercado chamado Gigante que era um ponto de encontro. Ele era o maior mercado do bairro, ali se encontrava todo mundo para passear no gigante nem que fosse só para passear pelas gôndolas. E ficou vários anos mas foi muito triste quando ele pegou fogo. Mas não foi um foguinho, ele destruiu o gigante, virou pó. E foi triste, as pessoas choraram porque era um ponto de encontro e isso foi antes do shopping continental. Então é um ponto que traz lembrança boa mas ao mesmo tempo traz aquela tristeza que você tinha aquela identidade e de repente só tinha cinza." - Walquiria Yoshie Iamauchi Barroso





"Eu acho interessante duas ruas do bairro a General Macarthur porque ela faz uma curvona e toma todo o bairro, ela acaba fazendo um tour pelo bairro do Jaguaré. Ela nasce na Corifeu e morre na Corifeu. E a outra rua é a Martin Luther King porque ela nasce em São Paulo, vai para Osasco e ela é a divisa da cidade. É um lugar bonito e interessante porque de um lado você está em São Paulo e do outro lado você está em São Paulo. Um outro ponto interessante é que quando eu conheci o bairro não tinha avenida politécnica, era mato e um rio. Hoje é totalmente canalizado, duas pistas enormes e o rio está em baixo e a gente nem sabe que tem. Ali virou uma referência muito forte por que é a conexão com a Raposo Tavares" - David Alves Barroso

"A rua mais legal do Jaguaré é a Rua General Macarthur porque ela é meio íngreme e parece que ela é sem fim. No final ela faz uma curva e não dá para você ver o fim dela. E para mim essa rua é a rua que está em todo o bairro, qualquer rua no bairro é a general Macarthur, ela é onipresente. Para mim o bairro pode ser facilmente resumido em 4 ruas. A general Macarthur que é a principal, a avenida Presidente Altino, a avenida Jaguaré e qualquer outro lugar que você não sabe aonde está você chuta que é a corifeu." - Beatriz Iamauchi Barroso

"A general Macarthur era a ligação do bairro para o centro, do centro para o bairro porque a corifeu só tinha uma mão só e não era asfaltada. Então ela era muito importante. A presidente altino a lembrança que eu tenho era que antes ela era quase que toda residencial a não ser pela bicicletaria e supermercado Jaguaré. E hoje está quase toda comercial." - Katia Yumie Iamauchi





*Sobreposição das
aquarelas dos
pontos de interesse*

Após esse exercício notei como algumas sobreposições e consensos de memória aconteciam diretamente e indiretamente. A memória é ao mesmo tempo individual e coletiva umas vez que muitas são sobreposições, porque são repassadas, mas também, porque são vividas juntas.

Tanto meu pai quanto minha tia citam a “casa da banha” onde hoje é o shopping continental já que os dois frequentaram o lugar na mesma época. Minha mãe e minha tia falam da inauguração do shopping e da quermesse da Igreja porque foram eventos que ela participaram juntas. Já eu e minha irmã temos sobreposições quanto a dificuldade de compreender a localização do Jaguaré. Além disso, compartilhamos um sentimento similar quanto o restaurante Yassunaga e a esquina do frango já que vivemos isso juntas.

O fato de sermos uma família permite que em muitos dos relatos os outros entes da família são citados como agentes ativos da memória, mesmo que o citado, em si, não tenho aquela memória ou não a cite. Apesar de cada um ter a sua própria linha do tempo e diferentes relações de parentesco ainda assim é possível encontrar memórias compartilhadas conjuntas. Assim como todos tem memórias com os pontos de interesse, todos citam em algum momento o supermercado Jaguaré e a casa da minha avó.

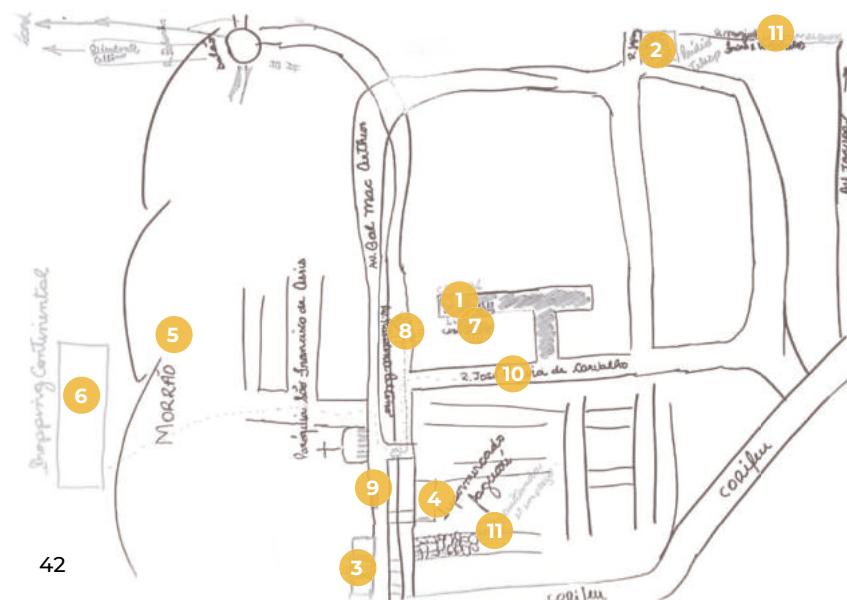
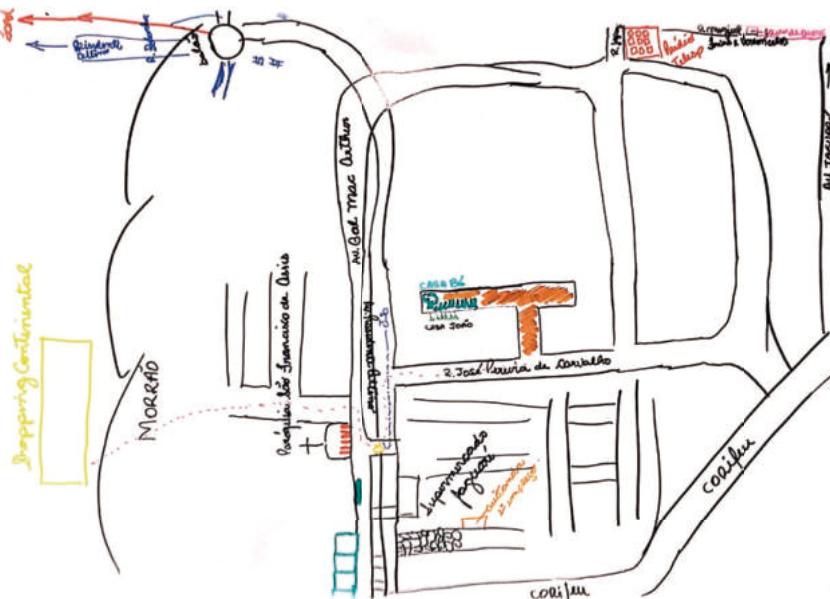


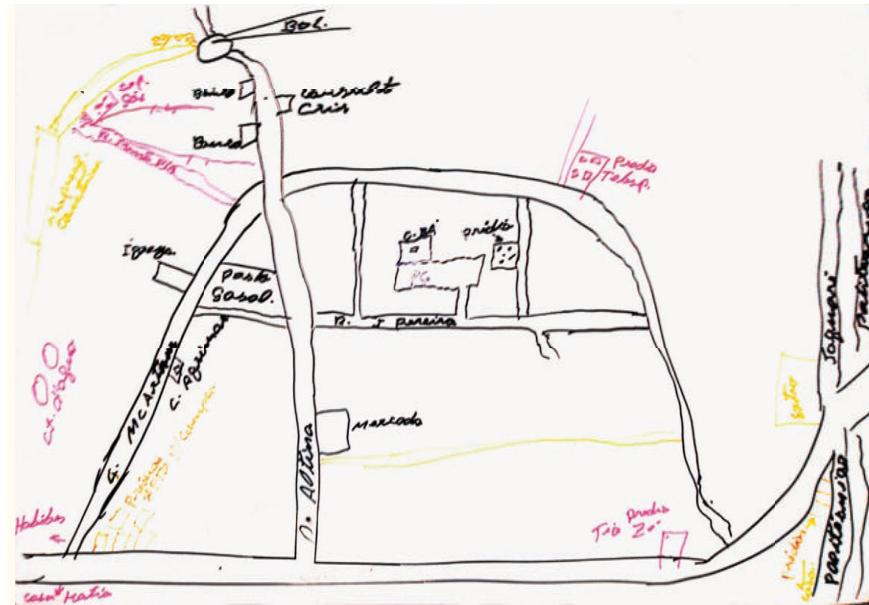
Terceiro Exercício

No último momento pedi para que cada pessoa desenhasse o bairro do Jaguaré com seus pontos de referência e memórias. O desenho era totalmente livre e cada um podia representar como achasse melhor. Da mesma forma que eu realizei o mapeamento das minhas memórias, a idéia aqui era mapear as memórias individuais no "Jaguaré de cada um" e assim obter diferentes tipos de mapas e pontos de referência.

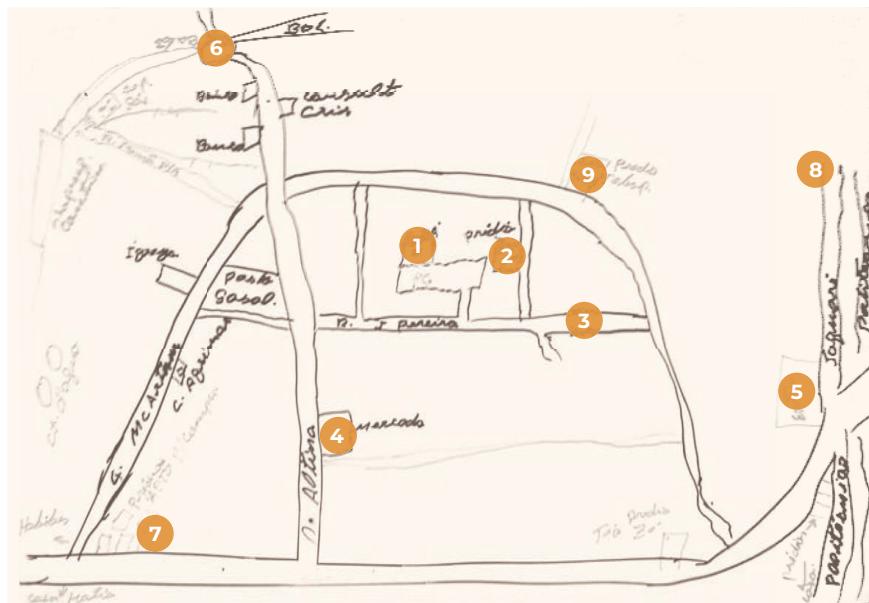
Foi interessante notar que neste momento surgiram dúvidas sobre quais eram as delimitações físicas do Jaguaré enquanto no exercício narrativo esses limites não foram questionados. Aparentemente, essa questão só foi considerada a partir do momento em que foi necessário representar graficamente a memória.

Notei nesse exercício o auto questionamento sobre o conhecimento do bairro e noção espacial. Os participantes ficavam incomodados e confusos sobre terem tantas lembranças associadas a aquele espaço mas terem dificuldades em localizar e preencher os vazios entre os lugares de memória de cada um. Da mesma forma que eu tive um incômodo similar quando realizei o mesmo exercício.

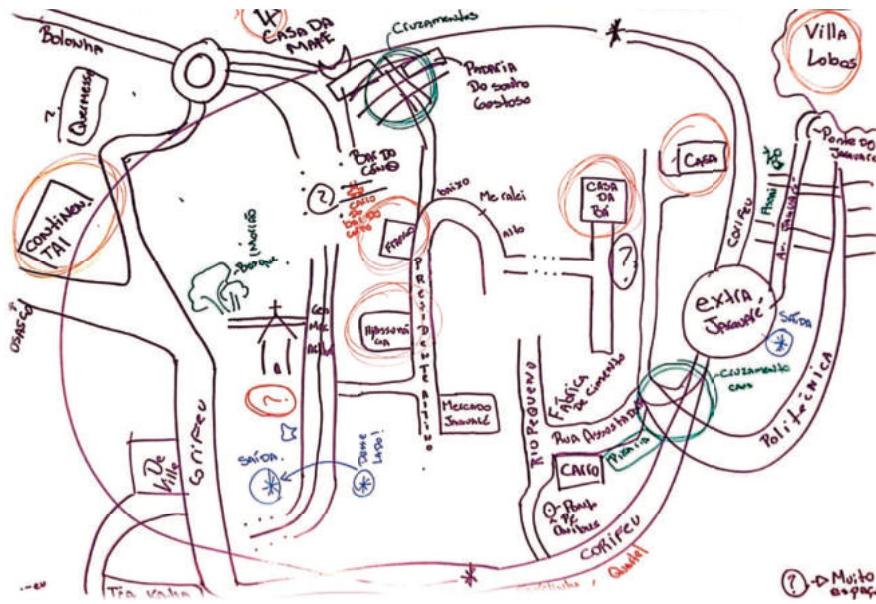




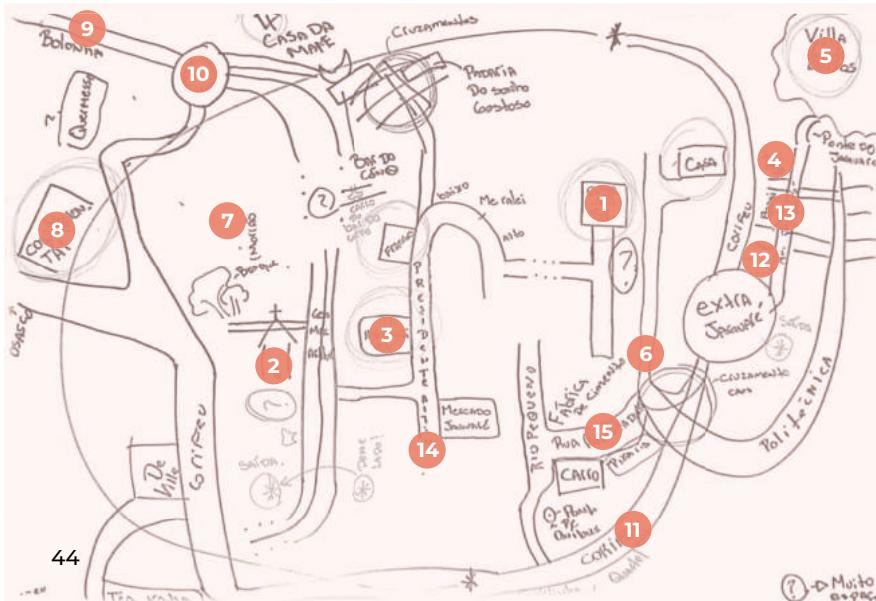
Mapa para representar o Jaguaré.
realizado por
David Barroso



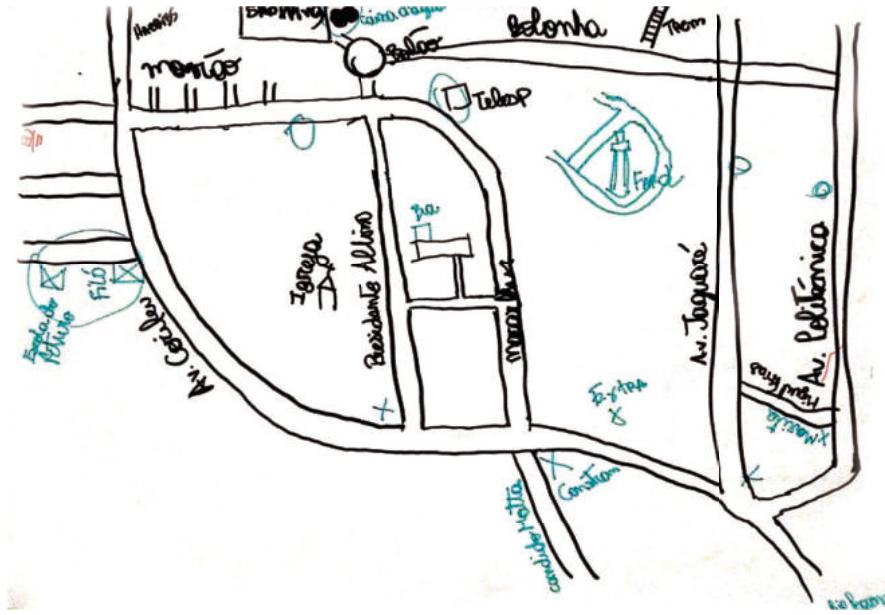
Mapa com a referência das memórias realizada por
David Barroso



*Mapa para
representar o
Jaguaré.
realizado por
Beatriz Iamauchi*



*Mapa com a
referência das
memórias
realizado por
Beatriz Iamauchi*



Mapa para representar o Jaguaré.
realizado por Kátia lamauchi



Mapa com a referência das memórias
realizado por Kátia lamauchi

Nos mapas é possível notar que apesar de termos pontos em comum onde a memória está ancorada, cada um tem sua própria relação subjetiva com o espaço e vivência nele. O que tornava possível várias interpretações de um mesmo objeto: a cidade, o bairro. Alguns outros fatores podem ser incluídos nessa leitura. Idade, gênero e rotina das pessoas afetam as relações delas com o bairro, e principalmente, o momento que elas chegaram e a quantidade de tempo que passaram ali.

Minha mãe que conhece o bairro desde a infância apresenta relatos muito carregado de sentimentos porém com poucos detalhes físicos enquanto o mapa é bem composto "... Tinha muito muito mato e nós brincávamos naquele mato, e mergulhávamos naquele mato achando que estávamos mergulhando no oceano...".

Diferente da minha irmã que é mais jovem e conhece o bairro a menos tempo, ela apresentou relatos mais específicos e ricos em detalhes enquanto o mapa apresentava mais "brancos" e zonas desconhecidas "...Tem uma árvore só que da para escalar. Ela tem um troco de base médio, retorcido mas não muito e ela é muito alta. O tronco dela é baixo mas os galhos delas são muito fortes...".

Quanto a Praça Henrique Drummont Vilares é interessante notar diferentes opiniões que podem estar associadas tanto ao gênero quanto em que momento eles interagiram com o espaço. Para minha mãe: "No balão do Jaguaré era na minha época um lugar muito escuro, tinha aquelas cadeirinhas de cimento. Então pouco se ficava ali na praça, porque lá não tinha iluminação. Então todo mundo tinha medo por conta da favela do Jaguaré...". Enquanto o meu pai: "Nós vínhamos a pé a noite, ou quando tinha que pegar algo no banco. Naquela época, 30 anos atrás, era uma das ruas mais movimentadas do bairro....".

Já na parte de representação dos mapas cada um colocou representações de determinadas épocas. O mapa da minha mãe apresenta várias cores e especificidades como os pés de mamona, o carro amarelo e o muro verde da escola. Já o mapa do meu pai é mais focado na relação e conexão entre os espaços de memória, até mesmo os ângulos das ruas. Enquanto o meu mapa é mais funcionalista e abrangente no sentido de extrapolar um pouco a área de estudo. O mesmo acontece com o mapa da minha irmã porém no caso dela há várias zonas desconhecidas que ela ainda não criou uma relação com o espaço.



FIM?

Mesmo com as narrativas e mapas produzidos nas etapas anteriores ainda não estava satisfeita com a experimentação. Acredito que cada exercício teve papel fundamental na tentativa de compreensão da memória e do espaço. Na primeira parte explorei a minha própria memória e mapa cognitivo enquanto na segunda parte fiz um processo similar com minha família. Desta forma, tentei atrelar a nossa memória individual com a percepção do espaço.

Transcrever do áudio para o texto e do texto para o desenho foi um exercício de imersão na memória no seu caráter mais sensorial e emotivo. Construí os desenhos a partir de descrição e investigação da memória na tentativa que cada entrevistado pudesse sentir sua memória representada de forma visual. Já no terceiro exercício, o desenho do mapa individual, busquei que cada um conseguisse se questionar quanto suas lembranças e a localização no espaço.

Com isso, tinha por objetivo a tentativa de construção de uma narrativa que passasse da memória para a história oral, tornando os participantes conscientes quanto às suas lembranças. Da história oral para o desenho, permitindo a reflexão quanto a representação gráfica das memórias. Do desenho para um mapa individual, estimulando o questionamento quanto a ordem e localização espacial de sentimentos e sensações. Por fim, como possível fim desta narrativa, do mapa individual para um mapa conceitual base, que permitisse o entendimento coletivo, da família, a respeito das suas próprias visões da cidade.



O último exercício foi realizado com todos os envolvidos juntos, incluindo eu. Ele consistia em um mapeamento da área de estudo: a casa da minha avó, a casa dos seus 4 filhos, os 5 locais de interesse que foram explorados - as ruas não foram marcadas por não conseguir representá-las em um ponto apenas - e pontos de lembranças individuais.

O fato de realizarmos o exercício juntos ao mesmo tempo é muito relevante neste exercício. Eu executava apenas o papel de orientadora, mas nós estávamos construindo aquele objeto juntos. As conversas entre um passo e outro, os questionamentos levantados, as diferenças notadas foram no final o que mais agregou no íntimo de cada um. Ver, ouvir compreender e falar sobre as memórias foram a melhor forma de permitir um olhar mais empático para o outro e para o nosso coletivo familiar. Afinal só faria sentido esse processo todo se estivéssemos juntos.

Fases executadas ao longo do trabalho

Primeira fase



Segunda fase



Terceira fase



Exercício de mapeamento conceitual



Último exercício

A atividade foi guiada como um passo a passo. Eles recebiam uma placa de isopor branca, alfinetes coloridos e dois pedaços de linha, uma azul e uma vermelho.

Primeiro, foi pedido que eles colocassem um alfinete vermelho no centro da placa e esse alfinete representava a casa dos meus avós, a Travessa Charles Golbat. Escolhemos colocar a casa da minha avó no centro por ser um marco de chegada da família no Jaguaré e, mais do que isso, ser ponto central na memória de todos.

Segundo, que eles marcassem com um alfinete a casa dos 4 filhos. Sendo Rosa para o filho mais novo, verde para a filha mais velha, roxo para a segunda filha mais velha e amarelo para a filha do meio.

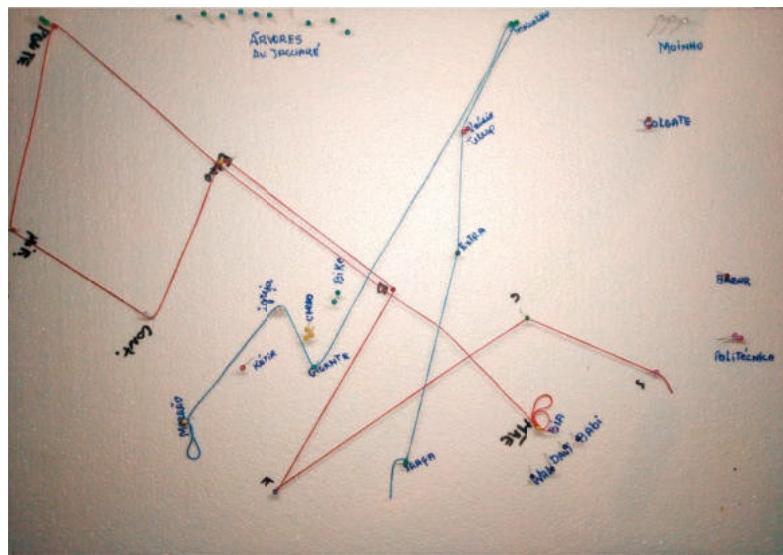
Terceiro, que eles marcassem os 5 pontos de interesse. Com dois alfinetes brancos o Shopping Continental, com dois alfinetes amarelos a Praça Henrique Dumont Vilares, com dois alfinetes rosa o Farol do Jaguaré, com dois alfinetes verdes a Ponte do Jaguaré e dois roxos para a Igreja São Francisco de Assis.

Quarto, que com a linha vermelha, eles conectassem os alfinetes com alguma lógica específica que depois eles iriam revelar.

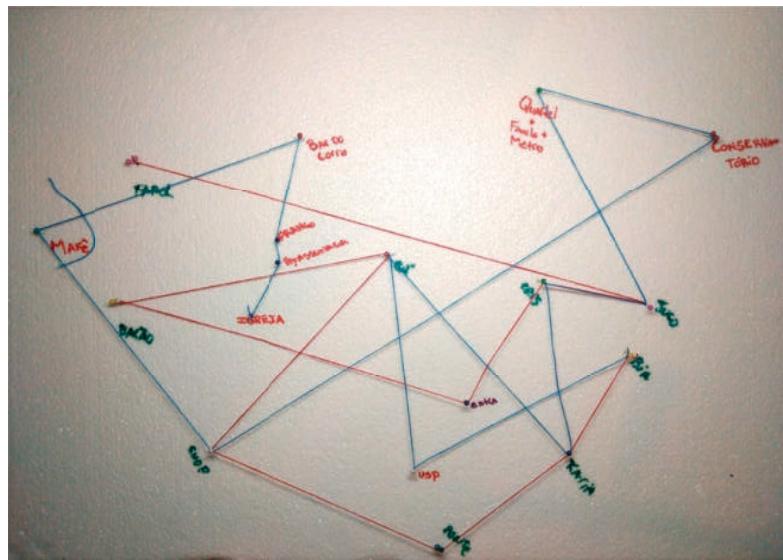
Quinto, que eles marcassem com um alfinete os pontos de memória individual que foram explorados nos exercícios anteriores.

Sexto, que eles conectassem com o fio azul os alfinetes que já haviam sido alocados. Assim como no passo quatro eles deveriam conectar com alguma lógica específica que depois eles iriam revelar mas não era obrigatório conectar todos os pontos.

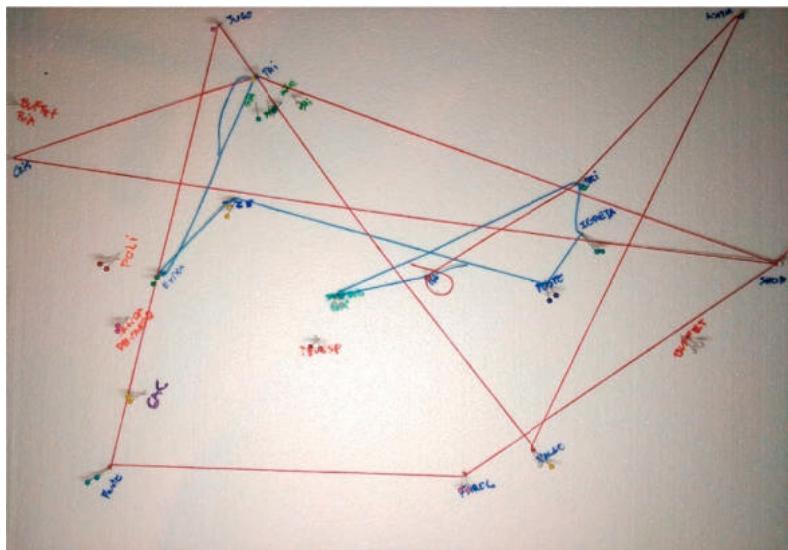
Sétimo, que eles contassem as histórias das suas linhas e pontos.



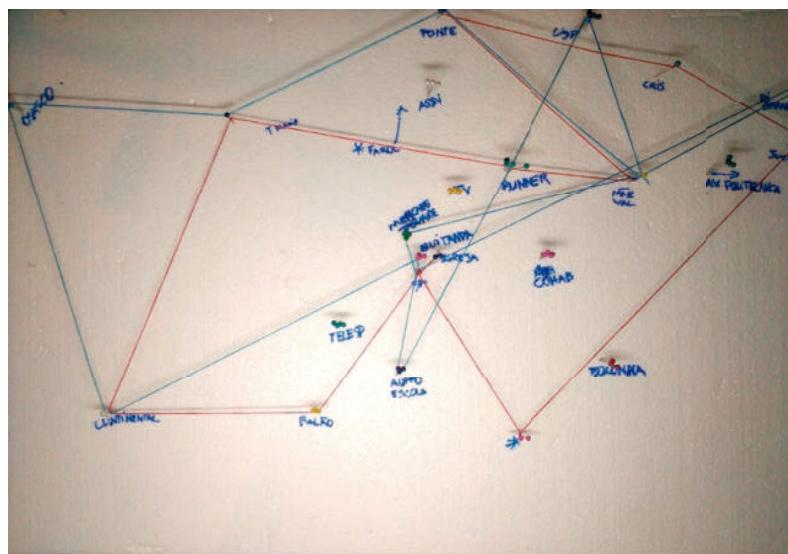
Mapa para representar o Jaguaré.
realizado por
Walquíria Iamauchi



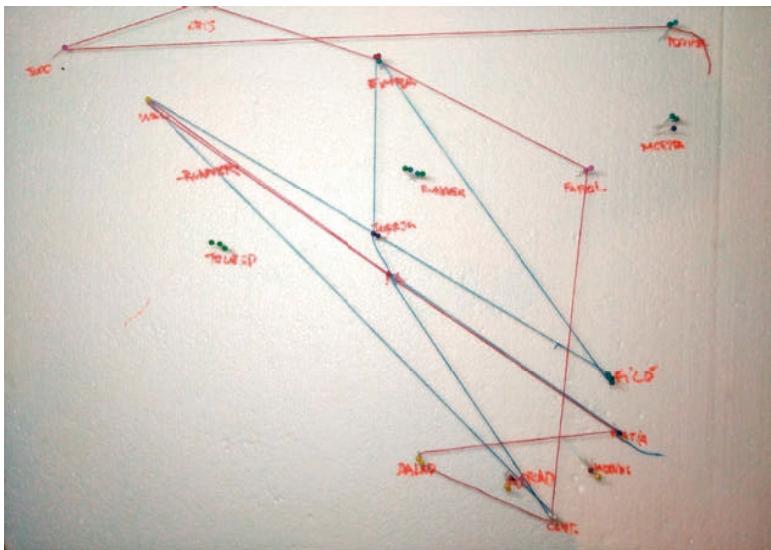
Mapa com a referência das memórias realizada por
Beatriz Iamauchi



*Mapa para
representar o
Jaguaré.
realizado por
David Barroso*

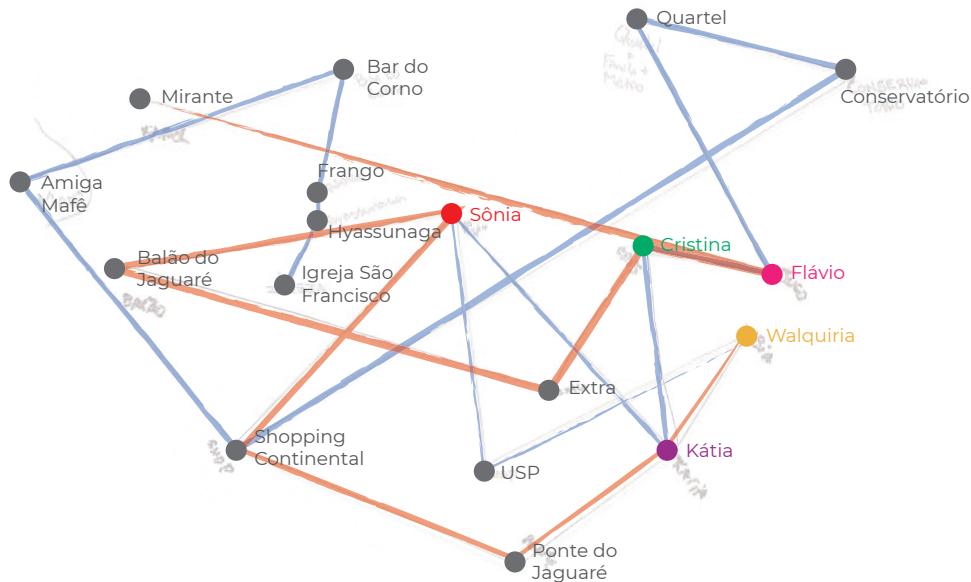


*Mapa com a
referência das
memórias
realizado por
Barbara Iamauchi*



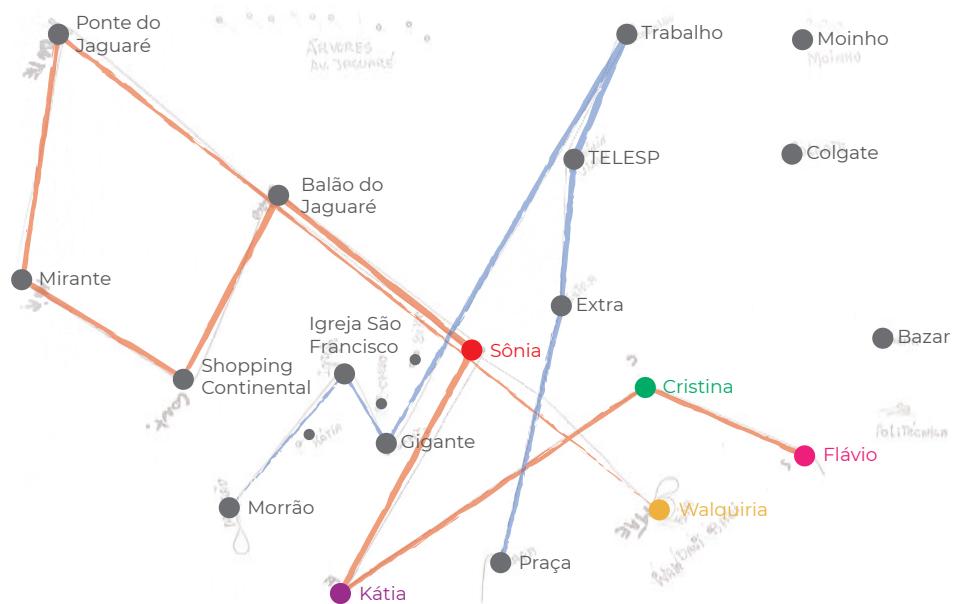
*Mapa para
representar o
Jaguaré.
realizado por
Katia Iamauchi*

O objetivo aqui era conseguir traçar pontos comuns para o mapeamento das memórias e assim criar uma base coletiva, uma linguagem comum, sobre o olhar individual de cada um. Cada participante fez um mapa diferente e específico uma vez que era uma percepção individual. Porém todos tinham pontos em comum para poderem orientar as memórias no espaço e entender as dos outros também. Assim, tendo uma forma de representação comum, seria possível que conseguíssemos sobrepor esses mapas para compreender, um pouco mais, como se manifesta a percepção do espaço para cada pessoa.



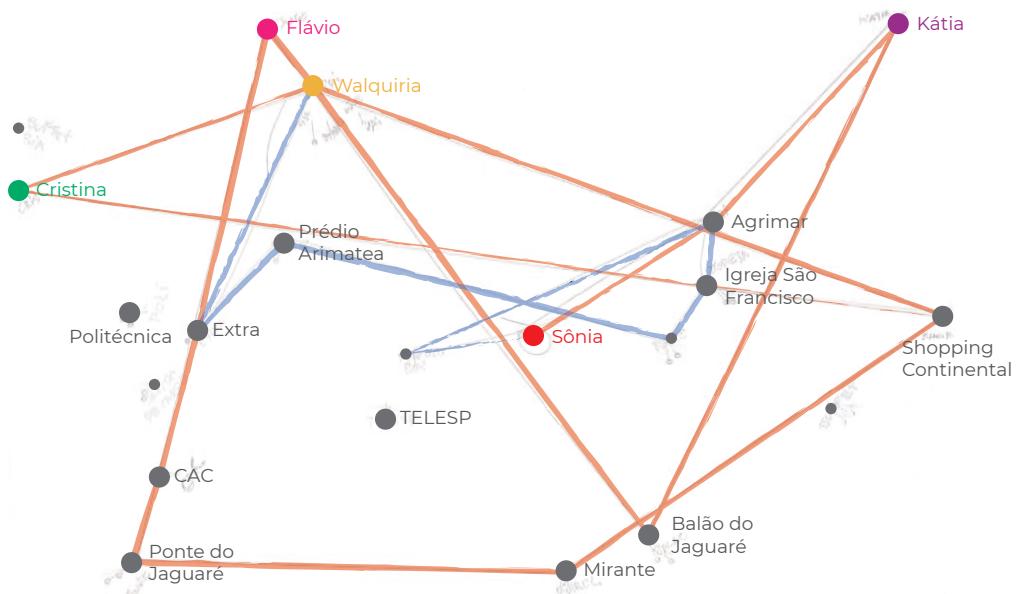
Mapa vetorizado de
Beatriz Iamauchi

Quanto aos fios, cada um contou a lógica da conexão dos seus alfinetes. Neste momento, foi uma experiência conjunta de conexão. Ouvir a história de cada um, apesar de termos mapeado os mesmo pontos, e perceber que todos tinham sua própria experiência individual e única com o bairro. Nos fios vermelhos ouvíamos diferentes histórias para os mesmos lugares enquanto nos fios azuis ouvíamos histórias da experiência particular - que podiam ou não estar conectado aos alfinetes do fio vermelho.



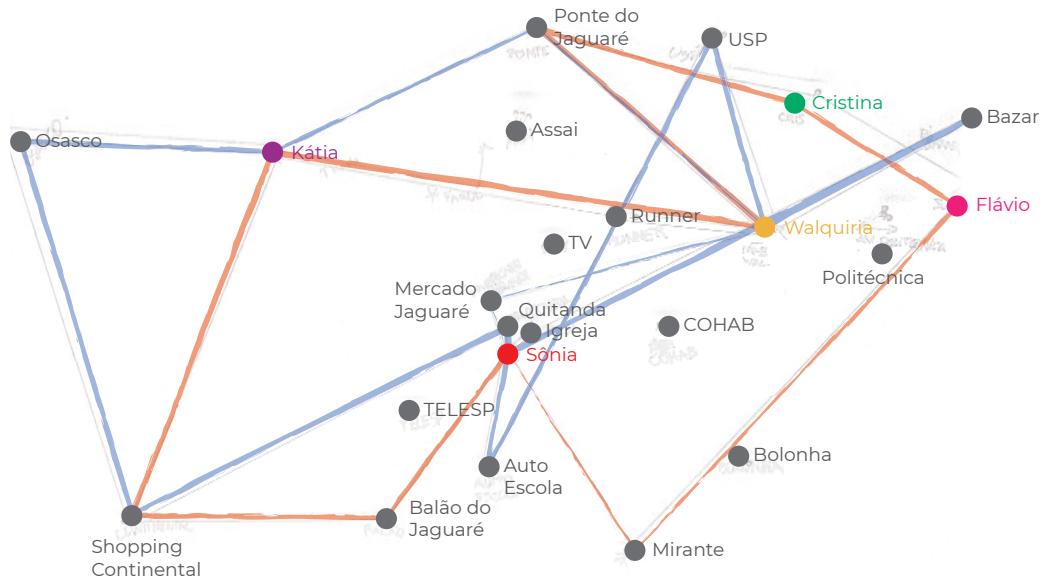
Mapa vetorizado de
Walquiria Iamauchi

Quanto as histórias dos fios, e portanto, a lógica que cada um adotou para usá-los, cada uma era distinta e única. Meu pai conectou baseado nos trajetos que ele mais faz no dia a dia. Minha mãe contou uma história de viagem onde passávamos na casa de cada um antes de iniciar a viagem. Minha irmã contou uma história fictícia do cotidiano que envolvia todos os pontos e afazeres do dia a dia. Eu conectei baseado na frequência com que eu passava naqueles lugares e Minha Tia conectou baseado nos trajetos que ela faz no dia a dia.



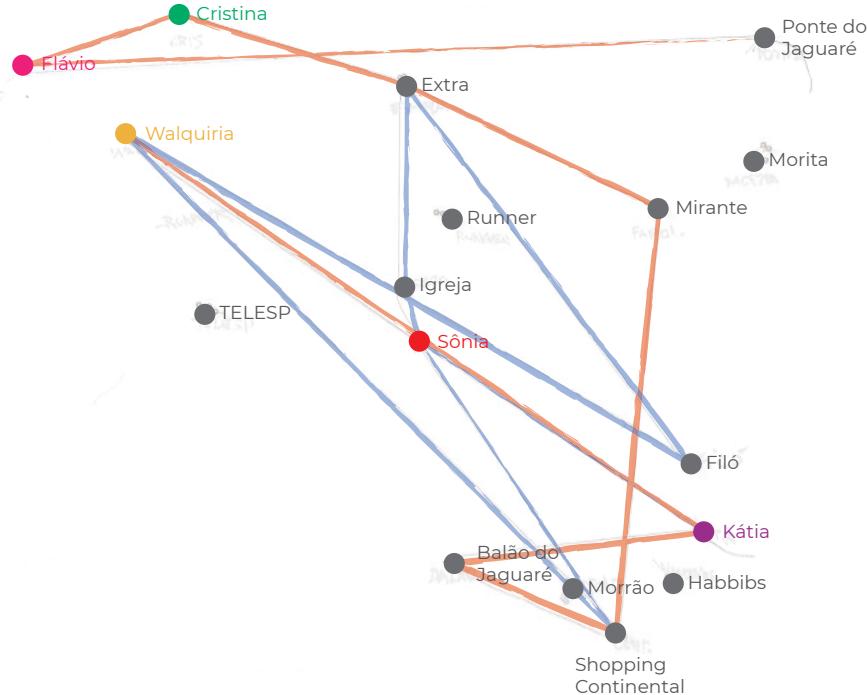
Mapa vetorizado de
David Barroso

Esse exercício foi o que gerou maior interação e conversas entre os participantes. No final todos queriam olhar os mapas alheios para debater, questionar a visão do outro. O intrigante aqui é que todos ficaram muito satisfeitos com os seus mapas, compreendendo as diferenças e particularidades de cada um. Acredito que como exercício cada um, saiu compreendendo melhor a sua própria visão do bairro assim como a visão dos outros participantes.



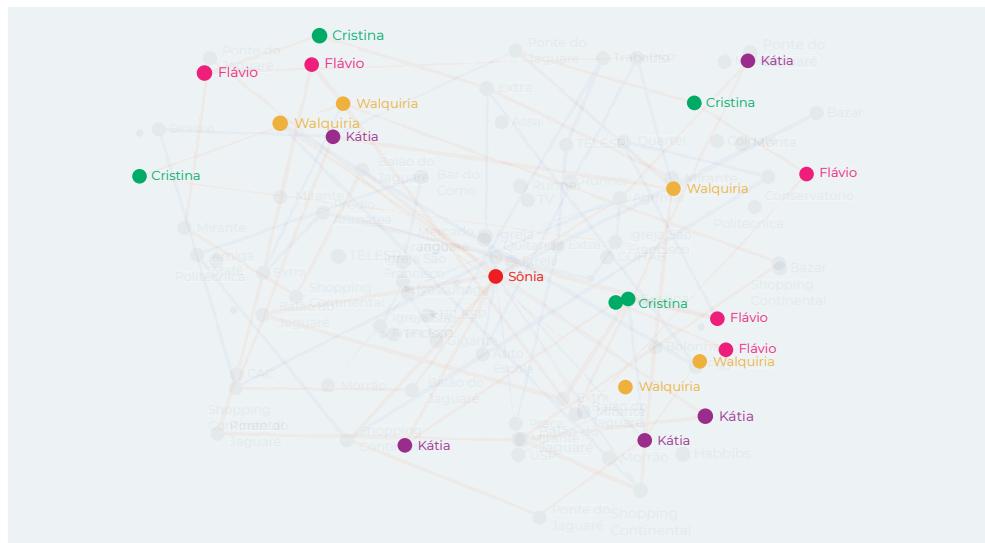
Mapa vetorizado de
Barbara Iamauchi

Ao longo do trabalho foram realizados dois tipos de mapas que tinham por características distintas: libertar ou limitar mais as possibilidades de quem está fazendo. O mapa de desenho livre são mais abertos e permitem mais recursos de representação mas é difícil estabelecer uma base comparativa. Já, o mapa de alfinetes são mais fechados porém viabilizam comparações e sobreposições. Neste ponto, apareceram questões importantes acerca da metodologia de mapeamento cognitivo. O que buscamos ao construir mapas com estas características?



Mapa Vetorizado da
Kátia Imauchi

Acredito que cada um dos mapas tem seu valor para conseguirmos absorver diferentes questões da memória. Da fase dos desenhos para a produção dos mapas à mão livre o objetivo era captar da visão única e subjetiva do autor das suas memórias em relação ao espaço. Apesar disso, como estabelecer alguma leitura sobre a memória de um coletivo tendo por base apenas essa visão individual? A minha resposta para essa pergunta foi o exercício dos alfinetes que traz perdas na liberdade de expressão porém facilita as sobreposições. Isto dentro de um trabalho que se propõe a compreender um pouco mais a memória coletiva, da minha família, onde os mapeamentos tem função de suporte nesse objetivo.



*Sobreposição dos mapas
com destaque nas casas*

Quando realizei a sobreposição dos mapas tentei primeiro buscar pontos de convergência. Contra minhas expectativas, o único ponto de convergência era o centro, a casa da minha avó. Os outros pontos estavam dispersos no mapa sem, aparentemente, ordem lógica. Apesar disso, quando olhamos a sobreposição e os mapas individualmente é possível notar que cada um traçou um ponto de referência diferente.

Após o exercício todos conversaram bastante e nessas conversas pude notar que cada um centralizava a casa da minha avó porém, usava de referenciais diferentes. Meu pai usou de referencial a casa dele, ou seja ele na casa dele



Sobreposição dos mapas com destaque nos pontos de interesse

olhando em direção a casa da minha avó. Já eu eu usei de referencial a casa da minha avó, eu na casa da minha avó olhando no sentido da fachada da casa. Minha mãe usou a casa da minha avó também, porém olhando no sentido da casa dela.

Acredito que essa mudança de referencial foi determinante para os pontos ficarem tão dispersos. A falta de instrução sobre como mapear fez cada um adotar sua própria visão. Afinal, cada um partiu de suas próprias memórias para traçar seu mapa. Sendo assim, são mapas subjetivos com pontos em comum mas com premissas diferentes.

O trabalho foi um momento importante para nos aproximarmos das memórias de pessoas tão próximas entre si. De alguma forma eu acreditava que teríamos uma visão semelhante do bairro. Mas ao final do último exercício, pude perceber que ao mesmo tempo que há sobreposições de memória, há também nossas próprias individualidades e percepções impressas nos relatos e mapas. O passado, o presente e a nossa característica humana nos torna únicos e, sendo assim são as variáveis mais relevantes nos aspectos de memória. Acredito que olhando para a pessoa que começou este TFG e a pessoa que terminou ele essa foi uma das constatações mais recompensantes.

Um desafio posto ao longo do trabalho foi o uso de representações visuais gráficas fora do meu escopo de habilidades. Aquarela, mapas a mão livre e mapas conceituais foram técnicas aprendidas e aprimoradas ao longo dos exercícios. A cada nova representação visual era necessário pesquisa, prática e experimentação. Os exercícios foram descoberta e redescoberta de memórias e afetos, e também de novas linguagens de representação e expressão dessas sensações.

Em um âmbito diferente, a consciência sobre a memória e o espaço foi um novo desafio que se mostrou muito relevante nas tarefas como arquiteta urbanista. Após execução desse trabalho uma nova abordagem que tem sensibilidade com as questões de memória e percepção individual e coletiva passa a ser possível na execução de projetos. Uma ótica que aqui teve seu ponto de partida mas definitivamente ainda há muito a ser explorado, compreendido e aplicado.





Outro ponto intrigante foram as reflexões sobre como o próprio ato de pensar sobre memória e estudá-la, de muitas formas, já interfere na percepção subjetiva daquele espaço. Nos transformamos ouvindo uns aos outros, e registrando esses momentos juntos. Esse talvez seja o sentido dos mapeamentos cognitivos. Ao longo do processo, construímos novos espaços, novas memórias e novas percepções. Outros Jaguarés.

No começo deste trabalho falo sobre me afastar do Jaguaré e me distanciar das minhas origens. Na sua execução pude me reaproximar do bairro como nunca antes, enquanto morava lá. Essa “volta ao Jaguaré” é um marco na minha própria memória que me permitiu ressignificar aquele espaço e me conectar com as raízes da minha família. Agora volto para a Bela Vista com outros pensamento, não melhor, nem pior. Apenas diferente. Afinal sempre estamos construindo uma relação com os espaços e agora me sinto pronta absorver aquele espaço neste novo momento .

Sobreposição das aquarelas das memórias



Referências

ARRUDA, Gilmar. Cidades e Sertões: entre história e a memória. Bauru: Edusc, 2000.

BARROS, José D'Assunção. Cidade e História. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRAUDEL, Fernand. O espaço e a História no Mediterrâneo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DAVIS, Mike. Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DEAN, Warren. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FEBVRE, Lucien. O Reno: história, mitos e realidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GLEZER, Raquel. Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo. São Paulo: Alameda, 2007.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. Revista Brasileira de História, n. 28, p. 180-193, 1995.

GOLLEDGE, R. G., STIMSON, R. J.. Spatial Behavior: A Geographic Perspective. Editora Guilford Press, ISBN: 1572300507. 1997.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. NORA, Pierre.

KASTRUP, Virgínia. A Invenção de Si e do Mundo: Uma Introdução do Tempo e do Coletivo no Estudo da Cognição. Campinas, SP: Papirus, 1999.



NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naif, 2006.

PAISAGEM E AMBIENTE no 21. São Paulo: FAUUSP.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n° 53, p. 11-23, 2007.

SENNETT, Richard. Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SOINI, Katriina. Exploring Human Dimensions of Multifunctional Landscapes through Mapping and Map-Making. Jokioinen, Finland: MTT Agrifood Research Finland - Elsevier Science. 2001.

